

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
DEPARTAMENTO DE LÍNGUA E LITERATURA VERNÁCULAS

MITO E LINGUAGEM

EM

VIDA SALOBRA

DISSERTAÇÃO SUBMETIDA À UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
PARA OBTENÇÃO DE GRAU DE MESTRE EM LETRAS - LITERATURA BRASILEI  
RA.

ARLETE KOENEN

SETEMBRO - 1979

ESTA DISSERTAÇÃO FOI JULGADA ADEQUADA PARA A OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRE EM LETRAS - ESPECIALIDADE LITERATURA BRASILEIRA E APROVADA EM SUA FORMA FINAL PELO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO.

Celestino Sachet

Prof. Dr. Celestino Sachet

Orientador

BANCA EXAMINADORA:

Celestino Sachet

Conceição Cruz Lima

Elisabete Araújo Leonetti

Para Nadyr e  
Newton

AGRADECIMENTOS

Ao Professor-Orientador, Celestino Sachet, pela eficiência e entusiasmo que demonstrou durante a realização do trabalho.

Às Professoras Carolina Galloti Koering, Chefe do Departamento de Língua e Literatura Vernáculas e Hilda Gomes Vieira, pelo incentivo e colaboração.

Aos amigos, que de qualquer forma, incentivaram-me na pesquisa e conclusão desta dissertação.

S U M Á R I O

RESUMO .....	vi
ABSTRACT .....	vii
INTRODUÇÃO .....	1
CAPÍTULO I - PRESSUPOSTOS TEÓRICOS .....	7
1.1. Considerações iniciais .....	7
1.2. O regionalismo literário .....	11
1.3. O mito .....	16
1.4. A linguagem .....	20
NOTAS DO CAPÍTULO I .....	22
CAPÍTULO II - O MITO .....	24
2.1. História e mito .....	24
2.1.1. O mito original .....	25
2.1.1.1. Cosmovisão mítica .....	27
2.1.1.2. Significações radicais .....	30
2.1.1.3. O herói mítico .....	37
2.1.2. Mito ideológico .....	42
2.1.2.1. O anti-herói .....	45
2.1.2.2. A denúncia do poder .....	49
2.1.2.3. O sistema telúrico-ideológico .....	54
2.1.2.4. O regime patriarcal .....	59
NOTAS DO CAPÍTULO II .....	64
CAPÍTULO III - A LINGUAGEM .....	65
3.1. A transfiguração da natureza .....	68
3.2. A humanização da natureza .....	71
3.3. A zoomorfização da natureza .....	73
3.4. A desumanização do homem .....	76
NOTAS DO CAPÍTULO III .....	87
CONCLUSÃO .....	88
BIBLIOGRAFIA .....	92
APÊNDICE - GLOSSÁRIO .....	98

## RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo a análise de Vida salobra, romance de Tito Carvalho.

A própria especificidade do texto forneceu o caminho para o seu estudo: objetiva-se uma leitura calcada no regionalismo literário, tendo como base o mito e a linguagem.

Sobre o regionalismo, chega-se à conclusão de que a obra de Tito Carvalho é manifestação literária ligada à terra e ao homem e nela dá-se importância ao aspecto regionalista, sem no entanto, sacrificar as possibilidades universalizantes.

Em relação ao mito, a narrativa traduz-se em um esquema binário onde vigora, de um lado, o mito original e, de outro, o mito ideológico. É representante do mito original o homem que está ligado à terra por laços afetivos e, por este motivo, simboliza o primitivo e o verdadeiro. Como representante do mito ideológico, encontra-se o homem que rompeu com o universo mítico e, por esta razão, deixa-se subverter principalmente pelo econômico.

Ainda sobre o mito, confirma-se pela obra, que ele é a revelação dos modelos exemplares ocorridos "in illo tempore", como tentativa de restabelecer o equilíbrio original perdido; ou como conduta de retorno à ordem, intervindo como protótipo e equilíbrio do universo.

No que se refere à linguagem, fez-se um exame visando a observar o processo pelo qual Tito Carvalho consegue transformar a palavra. E neste sentido, verifica-se que a linguagem reafirma a oposição herói/anti-herói além de criar um cosmos onde os seres de todos os reinos se interpenetram, e com isto, mito e linguagem se confundem.

ABSTRACT

The present dissertation has as its aim the analysis of Tito Carvalho's novel *Vida Salobra*.

The content of the text itself opened the way to its study: we intend to make its reading rooted on the literary regionalism and taking as its basis the myth and the language.

On what concerns regionalism we get to the conclusion that Tito Carvalho's novel is a literary manifestation linked to the land and to the man and we emphasize its regionalistic aspect without sacrificing its universal possibilities.

On what concerns myth the narrative manifests itself in a binary scheme where there is on one hand the original myth, and on the other hand, the ideological myth. The man connected with the land by affectionate links represents the original myth and, therefore, symbolizes the primitive and the true. The man who ruptured with the mythical universe and due to that fact subdues to the economic stands for the ideological myth.

Still about the myth, the novel leads us to realize that it is the revelation of the sample models which existed "in illo tempore", as an attempt to re-establish the original balance which had been lost; or else as a return to the order, interfering as the prototype and equilibrium of the universe.

On what concerns language we examined it attempting to observe the process by which Tito Carvalho the transformation of the words: this way we realize that his language reaffirms the opposition hero/anti-hero besides creating a cosmo where beings of all kingdoms interpenetrate and, by doing it, myth and language are mixed up.

## INTRODUÇÃO

### 1. PROPOSIÇÃO

Este estudo pretende ser uma leitura de Vida salobra, romance de Tito Carvalho, publicado em 1963, a partir de um conceito de regionalismo literário.

A obra de Tito Carvalho, objeto deste estudo, está localizada na segunda fase do modernismo, na década de 1930, quando a ficção produzida no Brasil foi quase sempre romance social.

Moveu-nos a certeza da importância do estudo, por se tratar de uma das experiências mais importantes da literatura catarinense, ao lado da necessidade de tornar mais conhecida uma das obras do introdutor do regionalismo em Santa Catarina.

A obra de Tito Carvalho oferece várias outras abordagens, mas este trabalho, sem pretender ser exaustivo, propõe verificar em que consiste o regionalismo em Vida salobra.

### 2. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA (Levantamento da literatura)

De tudo o que já se publicou sobre Tito Carvalho e seus dois romances, Bulha d'Arroio editado em 1939 e Vida salobra em 1963, registra-se entre introduções de romances, breves resenhas críticas ou mesmo discurso, cerca de sete trabalhos. Constata-se com isto que a bibliografia que, anteriormente, abordou este assunto é mínima.

Quanto a introduções de romances, cabe destacar aquela feita por Mâncio da Costa no próprio romance Vida salobra: "Tito



Carvalho realizou com rara felicidade, uma obra artística de profundas vivências rurais, talvez a melhor que já se tenha escrito no Brasil, nestes últimos tempos" (1).

Outras palavras que merecem destaque são as de Nereu Corrêa no prefácio da Edição Crítica de Bulha d'Arroio de autoria de Danila Luz Varella: "... a vida campeira do planalto de São Joaquim - encontrou em Tito Carvalho o seu melhor intérprete em termos de recriação literária do linguajar e da temática regional" (2).

Em Panorama do conto catarinense, Iaponan Soares destaca a importância da obra de Tito Carvalho. O crítico depois de afirmar que "Tito Carvalho foi o introdutor do regionalismo na literatura catarinense" (3), assim se manifesta:

"Em ambos os trabalhos, escritos no melhor estilo regionalista, o autor focaliza o homem da região serrana de Santa Catarina, retratando-o na aspereza do cenário e no ímpeto de suas ações. São páginas onde transpira fortemente a presença da terra, dando a beleza agreste de como se apresentam" (4).

Já Celestino Sachet, transcreve em seu livro A Literatura de Santa Catarina, parte do discurso proferido pelo escritor Barreiros Filho por ocasião da recepção a Tito Carvalho na Academia Catarinense de Letras, em 15 de fevereiro de 1924.

"Trouxestes com fino tato para o trabalho literário uma língua que se vealava nas dobras, achadas e campos de montes catarinenses. Cristalizastes em finíssimas letras, mercê de vosso engenho invulgar, a heróica poesia da existência viajeiras do nosso Tirol estadual, cujos tropeiros, de fazenda em fazenda, e destas para o povoado, ampliam, expandem e animam as relações humanas que a vastidão e

a orografia de suas terras trazem apartadas e remotas" (5).

Num pronunciamento em O Estado de 14 de agosto de 1949, assim refere-se à obra de Tito Carvalho, Altino Flores:

"O regionalismo de Tito Carvalho é destituído de psicologia, puramente reflexivo e, portanto convencional" (6)

E continua mais adiante:

"Acho, porém, que Tito Carvalho não pode praticar o verdadeiro regionalismo em que até há pouco dissipou notável soma de talento. Além de ele não ser um produto legítimo da região que eleger para moldura de seus contos, não possui essa região as tradições a que acima aludi, sendo de somenos valor os aspectos paisagísticos e costumários que por ventura pretendesse apresentar como grandemente representativos" (7).

Mas, é através das próprias palavras de Tito Carvalho, proferidas por ocasião de seu ingresso na Academia Catarinense de Letras, que se refuta Altino Flores:

"Querer o Regionalismo lesma, recuado aos limites estreitos do léxico caracol, é extinguir-lhe a essência de Beleza, proscrever-lhe a límpida magestade, arrancar o sertanejo ao seu habitat, para mergulhá-lo numa vida dissemelhante; é transplantar a flor selvagem que o minuano não estirolou nem as soalheiras crestaram, para a agonia morna duma estufa" (8).

E em outra passagem:

"Eu trago indelévels na retina os aspectos da terra em que a felicidade me bafejou dadivosa. Trago as paisagens que outros não quiseram ver" (9).

Todas estas manifestações, por suas divergências e convergências e por resumirem de maneira geral a totalidade da obra de Tito Carvalho, justificariam, não houvesse outros motivos, a leitura que se propõe a apresentar.

### 3. MATERIAL E MÉTODO

#### 3.1. Material

Inúmeros estudos serviram de base a este trabalho, como o indicam as referências bibliográficas seja do Autor e sua obra, seja no âmbito da teoria literária, da literatura brasileira e do mito.

Quanto a obra do Autor, foi usado a primeira e única edição, publicada em 1963.

#### 3.2. O Método

O ponto de partida para estudar o regionalismo literário nesta obra reside numa tripartição de etapas:

a) Depois de apresentar a evolução do regionalismo literário ao lado dos muitos conceitos emitidos pelos mais diversos críticos brasileiros, pretende-se verificar em que consiste o regionalismo literário de Tito Carvalho em Vida salobra.

b) Partindo do conceito de mito formulado por Mircea Eliade, George Gusdorf e Ernest Cassirer, os quais insistem ver o

mito como a revelação dos modelos exemplares ocorridos "in illo tempore", como tentativa de restabelecer o equilíbrio original perdido; ou como conduta de retorno à ordem, intervindo como protótipo e equilíbrio do universo, far-se-á uma investigação para se constatar como o mito se manifesta na obra em questão.

c) No que se refere a linguagem, o embasamento teórico é feito através do conceito que Oswaldino Marques e Michel Le Guern têm sobre o símile. O estudo do símile foi motivado pelo fato de ter-se notado que esta figura é uma constante estilística do Autor, muito embora não se tenha feito um levantamento estatístico para se poder afirmar que esta figura tenha primazia quantitativa sobre as demais. Neste estudo, trabalhar-se-á com os exemplos que se julgar serem os mais representativos do romance. Assim, objetiva-se determinar com mais segurança as diretrizes que plasmaram a obra de Tito Carvalho.

d) Pelo fato do livro apresentar o linguajar do homem de serra-acima, o que dificultaria a leitura para muitos, colocou-se em apêndice um glossário com os termos que se supõe serem desconhecidos do leitor.

NOTAS DA INTRODUÇÃO

- (1) COSTA, Mâncio da. In: CARVALHO, Tito. Vida salobra. Florianópolis, Livraria Acadêmica, 1963. p. III.
- (2) CORRÊA, Nereu. In: VARELLA, Danila Carneiro da Cunha Luz. ' Edição crítica de Bulha d'arroio. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1979. p. 11.
- (3) SOARES, Iaponan. Panorama do conto catarinense. 2<sup>a</sup> edição. Porto Alegre, Editora Movimento/Instituto Nacional do Livro, 1974. p. 64.
- (4) Idem, p. 64.
- (5) SACHET, Celestino. A literatura de Santa Catarina. Editora Lunardeli. Florianópolis, 1979. p. 104.
- (6) FLORES, Altino. "O regionalismo em Santa Catarina". In: O Estado. Florianópolis, 14-08-49. p. 3.
- (7) Idem, p. 3.
- (8) CARVALHO, Tito. Discurso proferido na Academia Catarinense de Letras, na sessão de 15 de fevereiro de 1924. (Recepção do acadêmico Sr. Tito Carvalho). In: Boletim da Academia Catarinense de Letras, Livraria Moderna, Florianópolis, 1924.
- (9) Idem, p.

## CAPÍTULO I

### 1. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

#### 1.1. Considerações Iniciais

Uma análise de Vida salobra <sup>(1)</sup>, calcada no regionalismo literário, parece-nos possível.

Entre as diversas recorrências que caracterizam a evolução histórica da literatura brasileira, o regionalismo apresenta-se como uma das mais ativas.

Apesar da recorrência regionalista acompanhar toda a literatura brasileira, cada momento histórico-literário produz um determinado tipo de regionalismo em consequência dos cânones estéticos que o caracterizam.

O regionalismo no período romântico traz a incorporação do material brasileiro à ficção, pois a ideologia desta escola propunha a escolha de temas nacionais para a criação de uma literatura autônoma. Em decorrência disto, os ficcionistas românticos encontram no passado a fonte de exaltação nativa. Este primeiro momento literário se realiza mais sob um plano sentimental que sob um plano objetivo, pois incorre na contradição de colocar o ambiente acima da criatura ao supervalorizar o pitoresco e a cor local do tipo humano, ao mesmo tempo que lhe atribuiu qualidades, sentimentos e valores que não lhe pertenciam.

Em compensação, na linguagem, este romance teve o mérito de introduzir o coloquial transportando-o para os diálogos e mesmo para o corpo narrativo, numa antecipação ao projeto realista.

A atitude do ficcionista brasileiro, sob a influência

do largo movimento de idéias que corresponde às transformações operadas no Brasil nos fins do século XIX, foi adotar uma posição quase científica perante a realidade. E o regionalismo que se desenvolve a partir desta data difere fundamentalmente do sertanismo que marcara a escola romântica. Assim, do puro e simples processo de idealização, transita-se para um quadro mais complexo em que se procura traduzir a realidade através da valorização de alguns de seus elementos mais nítidos, embora ainda não os fundamentais. E esta nova tendência procura dar à cor local um sentido mais profundo do que o trazido pelo sertanismo; seus quadros já não são estáticos, como no movimento antecedente; valoriza o homem ao admitir sua ação, ainda que reduzida. E dentro desta linha de intenção e de realização a nova escola incentiva o escritor brasileiro a valorizar seu ambiente físico. E, ao desejar ser coerente com a realidade observada, o realismo fará com que as diversas características ambientais - regionais ocupem lugar de destaque nas obras desta fase. Por este motivo, o realismo será profundamente regional-rural, pois corresponde à realidade do país de então, mais agrícola-rural que urbano. É, então, que surge o romance de observação, de análise e de exigente acabamento estilísticos e, com isto, aumentando em importância documentária.

No entanto, a perspectiva realista transforma-se. Obedecendo a novas convenções, sobrevive em outros projetos literários e, entre eles, o impressionismo. Tanto para o realista quanto para o impressionista, a realidade é o foco. Entretanto, mais que a simples realidade, o impressionista registra também a impressão que esta realidade provoca em seu espírito. Assim, o real é visto através de um temperamento, pelas sensações e impres-

sões que desperta, num singular momento que passa.

Neste caso, a mudança da realidade a ser representada implica numa mudança fundamental do uso da linguagem. Esta linguagem deve ser capaz de apreender o momento, o fragmentário, o instável, o imóvel e o subjetivo. Daí a literatura ter ido buscar o termo exato para cada refração da percepção.

Se o regionalismo realista repousa na observação mais social que estética, o modernismo, sob preocupação crítica e fundamento sociológico, revestiu-se de um processo de revisão temática e renovação estilística. E neste sentido, pode-se dizer que o modernismo é um movimento que se identifica com o romantismo na preocupação com os valores nacionais.

Preocupados com um amplo movimento de renovação da cultura brasileira, principalmente da literatura, dois grupos destacam-se na fase heróica do modernismo, à altura dos anos de 1922/23 a 1930.

As divergências aconteceram entre as figuras ligadas à Semana de Arte Moderna e às que se ligam ao regionalismo e tradicionalismo do Recife. Enquanto que em São Paulo e Rio havia uma preocupação maior com a estrutura estética, no Recife, sob a inspiração de Gilberto Freyre, tentava-se uma caracterização histórica-social, uma crítica de arte e inclusive literária, baseando-se no estudo das regiões e tradições brasileiras. Mas, apesar destas divergências, todos os modernistas convergem para um ponto comum: todos estão preocupados com uma arte de raízes profundamente nacionais.

Com o sentido moderno da criação literária que recebeu do modernismo, o material com que trabalham os novos regionalistas é o mesmo com o qual trabalharam os escritores anteriores,



muito embora este material sofra mudança em seu tratamento. Agora, não surgem somente grandes documentos ao traduzir-se o ambiente e paisagem, há uma maior capacidade em captar os seres que aí vivem.

O novo espírito moderno, essencialmente crítico, postula a preocupação com a dimensão da realidade, por isto, um regionalismo de dimensão social vai ser encontrado nesta fase, onde o debate em torno da história nacional, onde o drama social, em particular o dos conflitos de classes, vai configurar a sua investitura temática. E, também, incorporando processos fundamentais do modernismo, a linguagem não mais tão retórica confere maior fidelidade à realidade apresentada e liberta o ficcionista de mero expectador para torná-lo participante.

Assim, no domínio do romance de 1928 ou 1930 para cá é notável a contribuição dos modernistas. Suas criações literárias são manifestações que revelam uma transfusão de valores, onde os regionalistas procuram vazar o regionalismo em fórmulas modernas, e os modernistas revelam seu fundo regionalista de maneira cada vez mais afirmativa. Deste modo, eles expressam, dentro do regional, o sentido universal que denuncia a presença da qualidade literária.

Do exposto, pode-se concluir que o regionalismo situa-se na literatura de maneira relevante, e que nos três momentos - romantismo, realismo e modernismo - a tônica foi a vontade de fazer um levantamento de características regionais, com o objetivo consciente da criação de uma literatura nacional.

1.2. O regionalismo literário: uma tentativa de conceituação.

O termo "regionalismo", no plano literário, é passível de uma série de conceitos não só independentes como também contrários, pois ele tem sido estudado e meditado por vários autores.

Alceu Amoroso Lima vê no regionalismo uma valorização do humano enquanto fruto do meio a que pertence:

"O regionalismo é a predominância da terra sobre o homem, da nação sobre o continente, da aldeia sobre a nação. É a pequena pátria raiz da grande pátria. É o contato do escritor com o solo. O verdadeiro regionalismo não precisa sacrificar o humano pelo fato de considerá-lo em função de suas raízes no solo natal" (2).

Merece atenção, também, o ponto de vista de Afrânio Coutinho que, valendo-se de George Stewart, apresenta um conceito de regionalismo literário:

"Num sentido largo, toda obra de arte é regional, quando tem por pano de fundo alguma região particular ou parece germinar desse fundo. Num sentido mais estrito, para ser regional uma obra de arte não somente tem que ser localizada numa região, senão deve também retirar sua substância real deste local. Essa substância decorre, principalmente do fundo natural - clima, topografia, flora, fauna - como elementos que afetam a vida humana na região; e em segundo lugar, das maneiras peculiares da sociedade humana estabelecida naquela região e que a fizeram distinta de qualquer outra" (3).

Já Viana Moog, em Uma interpretação da literatura brasileira, em 1943, havia tocado neste assunto ao dividir o Brasil em regiões geo-culturais. Da mesma forma Gilberto Freyre para a interpretação sociológica. Encabeçando o Manifesto Regionalista, no ano de 1926, Gilberto Freyre veio atestar publicamente a marca dos povos pela geografia, pelas condições da terra, onde é lapidada sua formação. Acha ele ser possível chegar, mais facilmente, a uma concepção do homem verdadeiramente humano através do prisma regional do que do prisma universal, pois para ele "uma região é vital (...) como condição de vida e como meio de expressão e de criação humana" (4).

Também José Lins do Rego, no ensaio, Presença do Nordeste na literatura, acentua e reafirma o sentido da atitude regionalista que teve à frente Gilberto Freyre:

"O regionalismo de Gilberto Freyre não era um capricho de saudosista, mas uma teoria de vida. E, como tal, uma filosofia de conduta. O que queria com o seu pegadio à terra natal era dar-lhe universalidade, como acontecera a Goethe com os "lieder", era transformar o chão do Nordeste: de Pernambuco, num pedaço do mundo. Era expandir-se, ao invés de restringir-se. Por este modo o Nordeste absorvia o movimento moderno, no que este tinha de mais sério. Queríamos ser do Brasil sendo cada vez mais da Paraíba, do Recife, de Alagoas, do Ceará" (5).

José Lins do Rego, ao defender os valores regionais e acentuar a necessidade de se buscar a unidade do todo através da observação das partes, chama a atenção ao caráter universal que o grupo imprimia ao movimento regionalista.

Bem diferente é a posição de Lúcia Miguel Pereira. Ao apresentar seu conceito de regionalismo literário, estabelece ní-

tidas diferenças entre regionalismo e universalismo, além de afirmar que o regionalismo peca por excesso como também por falta, pois coloca o ambiente acima das criaturas:

"O regionalista entende o indivíduo apenas como síntese do meio a que pertence, e na medida em que se desintegra da humanidade; visando de preferência ao grupo, busca nas personagens, não o que encerram de pessoal e relativamente livre, mas o que as liga ao seu ambiente, isolando-as assim de todas as criaturas estranhas àquela. Sobrepõe, deste modo, o particular ao universal, o local ao humano, o pitoresco ao psicológico, movido menos pelo desejo de observar costumes - porque então se confundiria com o realista - do que pela crença o seu tanto ingênua de que divergências de hábitos significam divergências essenciais de feitio" (6).

Ainda sobre o relacionamento entre regionalismo e universalismo, manifesta-se José Clemente Pozenato. Depois de afirmar que "o conceito de regionalismo é uma das muitas denominações impróprias comuns nos estudos literários" (7), esclarece:

"regionalismo e universalismo correspondem a uma programação, a uma decisão fundada em pressupostos ideológicos e em convenções estéticas. O regional se opõe ao nacional enquanto critério externo de demarcação de um corpus literário, de preferência apoiado em bases culturais. O regional em oposição ao universal é uma forma do particular, e deve ser subsumido por este último termo, que caracteriza um dos elementos do processo metonímico que leva, do particular ao universal, o sentido de um determinado universo literário" (8)

Sob um ângulo totalmente diferente José Hildebrando Da canal enfoca a discussão sobre se o regional pode ser universal. Estabelecendo em seu livro uma relação de colonizador ibérico e colonizado latino-americano, afirma ele que deixou de haver espaço para as concepções de regionalismo e universalismo, uma vez que houve a ruptura de denominação sócio-política-econômica entre a matriz - européia e os colonizadores brasileiros ou latino-americanos:

"O conceito de "regionalismo" - e tudo o que se engloba na controvérsia a ele referida, em particular seu correspondente oposto, o "universalismo" - perdeu qualquer valor explicativo e/ou interpretativo a partir do momento em que aflorou à consciência do ser latino-americano a realidade do naufrágio global da matriz européia - ocidental - burguesa, geradora, sejam em termos sócio-econômicos (a expansão capitalista e imperialista), seja em termos culturais (a exportação e/ou imposição da visão de mundo racionalista - burguesa e branca) das sociedades da periferia semicolonial latino-americano e, conseqüentemente, das estruturas mentais dos integrantes destas" (9).

Em torno do problema há que considerar ainda a posição do Professor Celestino Sachet, em sua tese de mestrado, O regionalismo literário:

"O regionalismo literário focaliza o ser agindo em conseqüência de um estar em determinado local, numa determinada época, condicionado por fatores de ordem geográfica, econômica e social" (10).

E acrescenta em outra passagem:

"Este Regionalismo alcançará as dimensões do Universalismo quando dentro de paisagens, coisas e personagens literariamente vistos sob a influência de mitos telúricos abordam-se comportamentos humanos generalizados numa fusão psíquico-filosófica entre a Geografia diferenciada e a História generalizada, entre o Aqui e o Agora passageiros e o sempre e o Todo uniformes" (11).

A interpretação dada por Antônio Cândido, em seu ensaio Literatura e subdesenvolvimento, a propósito de regionalismo literário, possibilita-nos a apreensão da evolução do conceito ao mesmo tempo em que o autor afirma que "a realidade econômica do subdesenvolvimento mantém a dimensão regional como objeto vivo, a despeito da dimensão urbana ser cada vez mais atuante" (12). "É preciso, diz o autor, redefinir criticamente o problema, verificando que ele não se esgota pelo fato de hoje, ninguém mais considerar o regionalismo como forma privilegiada de expressão literária nacional, porque, como ficou dito, pode ser especialmente alienante" (13). Continua o autor a esclarecer seu ponto de vista: "mas isto não impede que a dimensão regional continue presente em muitas obras de maior importância, embora sem qualquer caráter de tendência impositiva, ou de requisito dum equivocada consciência nacional" (14). E acrescenta: "O que vemos agora sob este aspecto, é uma florada novelística marcada pelo refinamento técnico, graças ao qual as regiões se transfiguram e os seus contornos humanos se subvertem, levando os traços antes pitorescos a se descarnarem e adquirirem universalidade" (15).

Deste modo, pode-se concluir que regionalismo/universalismo será possível onde estes dois polos estiverem em equilíbrio, isto é, quando a obra literária for manifestação ligada à terra e ao homem, no plano da realidade nacional, e onde se dê

importância ao aspecto regionalista, sem no entanto, sacrificar as possibilidades universalizantes.

Assim, é na temática regionalista que se tem a oportunidade de conhecer e compreender os elementos que determinam ou condicionam um novo tipo humano: o homem telúrico.

### 1.3. O mito

A força telúrica que modela o homem encontra sua explicação na consciência mítica, pois, originariamente, há uma união do homem e seu ambiente, onde a paisagem é um conjunto vivo, porque cada árvore, cada colina, cada riacho participa de sua vida. E dentro desta configuração, a idéia do universo é uma noção adquirida, pois o homem, ao tomar consciência de si, reconhece-se invariavelmente constituído e posto num mundo já inaugurado e essencialmente formado. E dentro de um mundo definido em precedência, cada homem determina sua presença, em uma região, de acordo com os paradigmas próprios recebidos do mito.

A interpretação do mito recebeu de Mircea Eliade e George Gusdorf direções idênticas. Gusdorf afirma que "o mito está ligado ao primeiro conhecimento que o homem obtém de si próprio e de seu ambiente; mais ainda, ele é a estrutura deste conhecimento" (16). Em resumo: "o mito afirma-se como uma conduta de retorno à ordem. Ele intervém como um protótipo de equilíbrio do universo, como um formulário de reintegração" (17).

Mircea Eliade concebe o mito como "uma realidade cultural extremamente complexa, que pode ser abordada e interpretada através de perspectivas múltiplas e complementares" (18). "O mi-

to conta uma história sagrada, quer dizer um acontecimento primordial que teve lugar no começo do tempo, ab initio" (19). "Em outros termos, o mito narra como, graças às façanhas dos Entes Sobrenaturais, passou a existir, seja uma realidade total, o Cosmo ou apenas um fragmento: uma ilha, uma espécie de vegetal, um comportamento humano, uma instituição. É sempre portanto, a narrativa de uma "criação": ele relata de que modo algo foi produzido e começou a ser. O mito fala apenas do que realmente ocorreu, do que se manifestou plenamente" (20). "Dizer" um mito é proclamar o que se passou ab origine. Uma vez dito, "quer dizer revelado", o mito torna-se verdade apodíctica: funda a verdade absoluta. O mito é pois a história do que se passou in illo tempore" (21). "Em suma, os mitos descrevem as diversas, e algumas vezes dramáticas, irrupções do sagrado (ou do sobrenatural) no Mundo. É essa irrupção do sagrado que realmente fundamenta o Mundo e o converte no que é hoje. E mais: é em razão das intervenções dos Entes sobrenaturais que o homem é o que é hoje, um ser mortal, sexuado e cultural" (22).

Fundamentado no conhecimento que a história e a fenomenologia das religiões e dos mitos lhe proporcionaram, M. Eliade procura destacar o aspecto essencial do mito. Para ele, "a função mais importante do mito é, pois, a de "fixar" os modelos exemplares de todos os ritos e atividades humanas significativas: tanto a alimentação ou o casamento, quanto o trabalho, a educação, a arte ou a sabedoria. Comportando-se como ser humano plenamente responsável, o homem imita os gestos exemplares dos Deuses, repete as ações deles" (23).

Assim, "conhecer os mitos é aprender o segredo da origem das coisas. Com eles, aprende-se não somente como as coisas



vieram à existência, mas também onde encontrá-las e como fazer com que reapareçam" (24). Isto é, reatualizá-las, periodicamente; forçá-las magicamente a retornar à origem, reiterar sua criação exemplar. Por conseguinte, "não se pode realizar um ritual, a menos que se conheça a sua origem" (25).

Afirma, ainda, M. Eliade que "recitando ou celebrando o mito da origem, o indivíduo deixa-se impregnar pela atmosfera sagrada na qual se desenrolaram esses eventos miraculosos. O tempo mítico das origens é um tempo "forte", porque foi transfigurado pela presença ativa e criadora dos Entes Sobrenaturais. Ao recitar os mitos, reintegra-se aquele tempo fabuloso e a pessoa torna-se, conseqüentemente, contemporânea, de certo modo, dos eventos evocados, compartilha da presença dos Deuses ou dos Heróis. Ao viver os mitos, sai-se do tempo profano, cronológico, ingressando num tempo qualitativamente diferente, um tempo sagrado, ao mesmo tempo primordial e indefinidamente recuperável" (26).

Esta afirmação vem ao encontro da teoria de Cassirer, o qual vê "o mito como elemento épico da vida religiosa primitiva e o rito como elemento dramático ou teatral" (27). Segundo Cassirer, "nos ritos religiosos os indivíduos fundem-se num todo homogêneo, há um profundo e ardente desejo dos indivíduos no sentido de se identificarem com a vida da comunidade e com a vida da natureza" (28).

Importante é também a compreensão que Mircea Eliade e Cassirer têm das sociedades tradicionais. Dizem eles que o mundo destas sociedades é formado da contraposição entre espaço habitado e não habitado. Assim, de um lado, está o sagrado, o cosmos, que se impõe ao profano, um espaço caótico, que, situado em posição contrária ao primeiro, cria um antagonismo espaço-temporal.

Este sistema bipolar Cosmos/Caos situa-se para Northrop Frye em Anatomia da crítica, no conjunto de arquétipos simbólicos onde o divino e o demoníaco caracterizam uma oposição entre dois universos, um desejável e outro indesejável.

Outra direção dada ao estudo do mito, e reestudada neste século por Cassirer, é a de Max Müller. Embasado em princípios filológicos e lingüísticos, em Comparative mythology, Müller afirmou que para se chegar a uma verdadeira compreensão do mito era necessário estudá-lo sob o enfoque lingüístico, dizendo ainda que muitas mitologias, ao ter que explicar como alguma coisa nasceu do nada, citam a Palavra como princípio criador do mundo.

Por isto, pode-se entender Cassirer quando afirma em seu livro Linguagem e mito, "que a estrutura do mundo mítico e do lingüístico, em largos segmentos, é determinada e dominada pelos mesmos motivos espirituais" (29).

Reforçando o próprio pensamento, Cassirer confirma que, "a linguagem e o mito se acham, originariamente, em correlação indissolúvel, da qual só aos poucos cada um se vai despreendendo como membro independente. Ambos são ramos diversos do mesmo impulso de enformação simbólica, que brota de um mesmo ato fundamental e da elaboração espiritual, da concentração e elevação da simples percepção sensorial. Nos fonemas da linguagem, assim como nas primitivas configurações míticas, consuma-se o mesmo processo interior: ambos constituem a resolução de uma tensão interna, a representação de moções e comoções anímicas em determinadas formações e conformações objetivas" (30).

Na opinião de Cassirer, a metáfora está assentada no princípio da "pars pro toto", que é fator principal de sua liga-

gação com o mito. E observa ainda que, por mais que se diferenciem entre si os conteúdos do mito e da linguagem, atua neles uma mesma forma de concepção mental: o pensar metafórico.

Isto posto, pode-se concluir que o mito é um dos mais antigos e poderosos elementos da civilização humana. É uma explicitação do universo que domina e determina o destino dos homens. É uma realidade viva que não pode estar desvinculada da existência humana. É ainda, a manifestação do ser na realidade total que se traduz na linguagem.

#### 1.4. A linguagem

De acordo com Adolpho Crippa, em seu livro Mito e cultura, admite-se que a nível mítico "exista uma linguagem radical, um falar e um dizer primordial, que precede e possibilita as línguas" (31). O mito, ao fornecer um inventário de todas as intenções implícitas constitutivas do mundo, mostra suas diferentes perspectivas e, em decorrência disto, mostra também as diversidades entre as várias línguas, pois a cada cosmovisão por ele fornecida corresponde uma linguagem ou uma maneira mítica de comunicação. Neste sentido, como enfatiza ainda Crippa, o homem fala e se comunica porque está inserido em um universo dotado de significações que podem constituir a sua linguagem" (32).

Partindo desta concepção, pode-se dizer que nenhum povo escolhe sua cultura, como também não escolhe sua linguagem. Deste modo, a história vai surpreender o homem constituído dentro de um mundo de significações e instalado numa linguagem que estabelece os valores que definem a condição humana.

Assim, a linguagem é uma realidade que gera suas próprias realidades, um código que formaliza, segundo sua própria estrutura, a experiência do homem no cosmos.

Isto significa também que a liberdade criadora dada ao escritor, ao colocar em sua obra a linguagem resultante de uma opção, vai restituir a esta linguagem sua função mítica original, e esta obra, por sua vez, configura-se em um mito cosmogônico.

Sob o prisma mítico, esta forma de narrar, feita de realidades essenciais, de universal comunhão com a problemática existencial do ser humano, pode vincular-se a um contexto e adquirir caráter social.

Deste modo, a linguagem que o autor vai adotar não será apenas sua, ela será a representação de um universo regional, feita segundo um modo de ser regional, sugerido pelo mito; mas que configura uma apreensão plena do homem e sua circunstância.

Julgamos ter exposto as fontes teóricas do caminho escolhido para realizar nossa leitura. Neste sentido, pensamos já poder iniciar o estudo do regionalismo, no romance de Tito Carvalho, que nos foi proposto pela presença do mito e da linguagem.

NOTAS DO CAPÍTULO I

- (1) CARVALHO, Tito. Vida salobra. Florianópolis, Acadêmica, 1963.
- (2) ATAYDE, Tristão, in SACHET, Celestino. O regionalismo literário. Tese de mestrado, 1973. p. 63.
- (3) COUTINHO, Afrânio et alii. A literatura no Brasil. Rio, Ed. Sul-Americana, vol. III, 1969. p. 219.
- (4) LINHARES, Temístocles. O regionalismo no romance brasileiro. In: Suplemento literário de São Paulo, novembro de 1961.
- (5) ADERALDO CASTELHO, José. José Lins do Rego: modernismo e regionalismo. São Paulo, Edart, 1961. p. 27/67.
- (6) PEREIRA, Lúcia Miguel. Prosa de ficção: de 1870 a 1920. 3<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro, J. Olympio, Brasília, INL, 1973. p. 180.
- (7) POZENATO, José Clemente. O regional e o universal na literatura gaúcha. Porto Alegre, TEL, Movimento, 1974. p. 15.
- (8) Idem, p. 17.
- (9) DACANAL, José Hildebrando. Regionalismo, universalismo e colonialismo. In: Dependência, cultura e literatura. São Paulo, 1978. p. 50.
- (10) SACHET, Celestino. O regionalismo literário. Tese de mestrado, 1973. p. 67.
- (11) Idem, p. 67.
- (12) CÂNDIDO, Antonio. Literatura e subdesenvolvimento. In: Revista Argumento. Rio de Janeiro, Ed. Paz e Terra, 1973, n° 1. p. 22.
- (13) Idem, p. 22.
- (14) Idem, p. 24.
- (15) Idem, p. 24.
- (16) GUSDORF, George. Mythe et metaphysique. Paris, Flammarion, 1953. p. 11.

- (17) Idem, p. 12.
- (18) ELIADE, Mircea. Mito e realidade. São Paulo, Perspectiva, 1972. p. 11.
- (19) \_\_\_\_\_. O sagrado e o profano. Lisboa, Edição Livros do Brasil, p. 107.
- (20) \_\_\_\_\_. Mito e realidade. p. 11.
- (21) \_\_\_\_\_. O sagrado e o profano. p. 107.
- (22) \_\_\_\_\_. Mito e realidade. p. 11.
- (23) \_\_\_\_\_. O sagrado e o profano. p. 110
- (24) \_\_\_\_\_. Mito e realidade. p. 18.
- (25) Idem, p. 20.
- (26) Idem, p. 21.
- (27) CASSIRER, Ernest. O mito do estado. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1976. p. 44.
- (28) Idem, p. 54.
- (29) CASSIRER, Ernest. Linguagem e mito. São Paulo, Perspectiva, 1972. p. 101.
- (30) Idem, p. 106.
- (31) CRIPPA, Adolfo. Mito e cultura. São Paulo, Convívio, 1975. p. 91.
- (32) Idem, p. 95.

## CAPÍTULO II

O MITO2.1. História e Mito

A importância do mito, no estudo de um povo ou de uma região, não significa apenas o voltar-se para as origens em busca do princípio, mas significa principalmente, o fato destas origens constituírem os modelos que marcam ou definem o estilo de um povo ou de uma região.

E assim, também, entendeu Tito Carvalho. Vida salobra faz do contexto serrano-catarinense seu suporte histórico e mítico. Para caracterizar o homem serrano como o configurou e entendeu, o Autor toma como ponto de partida a formação cultural da região que se originou da audácia dos bandeirantes e da necessidade dos gaúchos abastecerem Minas Gerais com o gado do Rio Grande do Sul.

E por sua vez, a organização sócio-econômica que se baseava na pecuária e na divisão da terra em propriedades implica numa estratificação social em patrão e empregado.

Sob este aspecto, pode-se observar que Vida salobra retrata uma realidade referencial.

Na verdade, a presença do suporte histórico e este esforço em retratar ideologicamente uma realidade referencial caracterizam uma determinada fase de nossa literatura: é a fase de conscientização política de literatura participante e de combate. É a fase modernista dos anos 30 quando o romance regional choca

pela sua originalidade, e pela crueza de seus temas sociais e humanos ao apelar por uma necessária revolução social, política e econômica.

Nesta época, há uma luta ideológica no mundo inteiro. E no Brasil esta "politização dos anos 30" descobre ângulos diferentes: preocupa-se mais diretamente com os problemas sociais e produz os ensaios históricos e sociológicos, o romance de denúncia, a poesia militante e de combate. Não se trata mais, nesse instante, de "ajustar" o quadro cultural do país a uma realidade mais moderna; trata-se de reformar ou revolucionar essa realidade, de modificá-la profundamente..." (1).

A realidade apresentada em Vida salobra mostra uma nítida divisão entre o mundo dos falsos valores sociais e os valores que o Autor assume como autênticos. Deste modo, o suporte mítico presentifica-se na obra, reportando-se a uma situação paradigmática ocorrida "ab initio" para mostrar que os valores originais não foram subvertidos, e, o suporte histórico acompanha a trajetória do homem depois da ruptura do universo mítico. Assim, a narrativa apresenta uma bipartição; conferindo à obra um esquema binário onde vigora de um lado o mito original e, de outro, o mito ideológico.

### 2.1.1. O mito original

O mito original presentifica-se na obra através de várias personagens. São elas: siá-Nenga, Dêga, Tivi, seu-Silvano, Angelino e os peões em geral. Estas personagens são representantes de um mundo original porque simbolizam o autêntico, o primi-



tivo, o verdadeiro e não se deixam absorver pelo ideológico. São personagens configurados sob cosmovisão mítica porque fundadas na identidade com a natureza.

Apesar desta concepção fazer parte de uma cultura que se baseia na exploração da terra, dividida em grandes fazendas dedicadas à criação de rebanhos bovinos, o tipo humano promovido como modelo não é o proprietário, mas o seu empregado. O fato do Autor transferir as qualidades heróicas à figura idealizada do peão da estância, justifica-se não somente a nível do ideário romântico, como também a nível mítico, pois em decorrência de seu trabalho, o agregado está mais ligado ao mundo natural do que o proprietário das terras.

#### 2.1.1.1. Cosmovisão mítica.

Os mitos são uma reproposição das origens e profundamente coesos em sua unidade. Assim, uma unidade profunda envolve as coisas porque são solidárias em sua origem.

Os povos, nos momentos iniciais de sua história, viam sempre o mundo e todas as demais realidades numa visão de conjunto, constituindo uma totalidade. Portanto, a realidade mítica é sempre cósmica, porque todas as coisas propostas constituem um cosmos.

A totalidade da natureza, ao envolver todos os elementos, adquire para o homem um sentido que ultrapassa a sua compreensão e, por causa disto, este mundo vai significar mais do que o sentido próprio e assumir caráter sobrenatural. E, em sua significação primeira, é assim também o mundo para Angelino,

pois desde o início, participa da esfera do sobrenatural, de acordo com a apresentação feita pelo Autor:

"Quando Angelino voltou a recolher na clareira os nove leitões maneados, apenas encontrou as arreatas enrosquilhadas (...). Para os seus olhos enormes, os porcos adquiriram ares de mandraca (...). E o Gritador deveria estar por perto, a dois dedos dos seus peitos, soltando gargalhadas sem ruído, como quem mastiga o ar com as gengivas. Estava quase a vê-lo e ouvi-lo, os sentidos apurados, retinindo. Cheirava-lhe mesmo o bafo enregelado..." (p. 7).

A identificação do peão à natureza é aqui acentuada pela figura lendária do Gritador que personifica uma força natural. Esta identificação revela a inserção do homem no meio físico e fundamenta-se numa visão sacralizada da relação do homem com a natureza.

Num contexto mítico, cabe ao ser humano interpretar os sinais que a natureza emite. Mas para que a sacralização da mensagem aconteça, é necessário que a pessoa também participe desta cosmovisão e coloque em um mesmo nível os seres de universos distintos. Como se pode observar, há no exemplo que segue, uma antropomorfização da natureza na medida em que ela é capaz de emitir sinais, comunicar-se com o indivíduo que saiba entendê-la, que no caso em questão é Angelino, ao narrar a morte de seu-Silvano:

"Pelos árvores levantou-se o coro dos passarinhos. Tangarás dançavam no ar, a orquestra assobiando, um deles comandando todos. Nos galhos próximos, como em lamento, outras aves assobiavam o "tempo triste" e o "cavalo cansou". Sabiás pretos, tenores da mataria, gorgeavam a sua

ária comovida. Cuitelos bicando flores, faiscavam pedrarias das asas a ruflarem rutilantes" (p. 116).

"Como alma da prata esverdeada corriam do lameiro lingüinhas fosforescentes, que lá pelo campo tinham partes com boitatá. E vinham no jeito de seu-Silvano, morre-morrendo, apagando-se antes de lhe alçarem as botas. Era como uma despedida da terra e dos seres, a primeira a passá-lo do lombo para o ventre vasto e fecundo, cheio de humores e mistérios..." (p. 118).

E em outra passagem:

"E a fala de seu-Silvano ficara no ar, no baloiço das árvores, na ciranda das folhas, no arrulho do riachinho" (p. 138).

O mundo dividido da natureza é uma realidade inteiramente desconhecida da consciência do homem mítico. Todos os entes participam da mesma cena. A natureza é vitalmente solidária do homem. Ela participa da cena e do drama como verdadeira personagem.

Perfeitamente articulado com esta teoria estrutura-se o romance do Tito Carvalho. Em Vida salobra, siã-Nenga nunca está só, mas sempre acompanhada pela natureza. Esta não é mera decoração. A paisagem se faz dinâmica e age como reflexo dos sentimentos da personagem e por isso atua à maneira romântica:

"Siã-Nenga cismava essas coisas, a-fundando os dedos no cincho. Pela janela, as ramas do pessegueiro agitavam-se lentamente, em sereno gesto de aprovação. E da borda do coche, onde a cair, gurgulhando, a água da calha riscava um arco de cristal, o galo queimado sacudia as asas, como batendo palmas, cocoricando a maravilha da tarde iluminada" (p. 18).

No mundo original, há no fundo de todos os entes uma unidade ontológica: as funções podem ser indistintamente atribuídas a entes diversos, os homens podem tornar-se não somente animais, como também vegetais e, vice-versa, isto porque o homem não se havia ainda destacado e oposto ao mundo natural. Estas funções podem ser vistas nitidamente no romance de Tito Carvalho. Observe-se o exemplo:

Dêga... "Quase moça, corpo lindo, cabelos crespos cor de grimpas secas de pinheiro, olhos grandes, de rês mansa. A pele clara parecia de louça, nas faces um colorido de maçã (p. 15).

Outros exemplos podem ser citados:

Dêga... "Deitara corpo, os peitos empinados afuroando a blusa, as ancas mais redondas e largas, a pele rosada e suave de pêssego, pedindo dentadas" (p. 153).

Siá-Nenga... "E quando, feita a oração, o corpo de graveto caia no catre, mesmo sem de despir, ferrava no sono calmo e profundo de quem nada temesse contra aquela paz de renovação" (p. 158).

O homem telúrico identifica conscientemente o mundo animal em si. Esta conscientização faz com que o homem revele a importância que ele dá ao cavalo. Este valor provém da participação deste animal em sua vida: as palavras de um peão confirmam esta importância:

"... - porque o cavalo era o seu único e idolatrado bem. Peão de verdade não tem pernas. Quer dizer: - tem, mas as de seu pingô. E se ficassem de-a-pé, seriam como aleijados, a quem o calcanha nada ajuda" (p. 72).

Esta troca de funções onde entes participam uns dos outros, interpenetrando-se, dá-se também ao nível dos minerais. É Angelino e Tivi falando a respeito das pedras:

"- Pois, a modos que se esconderam! Aquelas deviam ter-se desgarrado da tropilha. Ou talvez fossem as únicas" (p. 178).

"Findara a colheita do dia, que não havia mais calhaus a separar. Abriram a guaiaca: nove pedras ao todo, três maiores - mais criadas, como queria Tivi, e outras miúdas - mamotinhas, terneirinhas novas, dessas mal paridas, a que caranchos arrancam os olhos com delícia - como afirmava Angelino" (p. 183).

Como pode ser visto através destes exemplos, o Autor integra as personagens ao seu mundo e à natureza. A relação homem/natureza teve grande importância em nossa ficção até o fim do século passado. Também o regionalismo recebe influência do que dominava nesta fase, e na busca de formulações culturalmente brasileiras, ele se alimenta no que constituía uma das tônicas da afirmação nacional: a exuberância da natureza. A unidade homem/natureza integra o romance de Tito Carvalho a esta fase de ficção regionalista, além de conferir à obra uma cosmovisão mítica. Este caráter mítico é o fato que vai justificar um conjunto de gestos criadores e significativos que surgem como modelos para caracterizarem um povo ou uma região.

#### 2.1.1.2. Significações radicais.

Em Vida salobra, é a partir da análise das significa -

ções radicais - Deus, religião, vida, morte e amor - que se pode definir os valores que o Autor assume como autênticos. Através das figuras arquetípicas de Siã-Nenga, Dêga, seu-Silvano e Angelino, Tito Carvalho nos propõe uma visão sacralizante do mundo.

Siã-Nenga constitui a amostragem mais significativa da fé em Deus. Ela se configura em arquetipo através da crença em um Ser Superior, razão de todas as coisas, e na soberana força dos Santos:

"- seja tudo p'r'amor de Deus!  
Era ele quem dava e quem tirava" (p. 162).

"E mergulhando mais fundo no seu apego místico, em tom arquejante: - ... todos os amigos louvem a Deus, para sempre, amém" (p. 39).

Sabe-se que o mito propõe antecipadamente os gestos significativos que surgem como modelos porque tudo o que existe atualmente reproduz o que já existiu. Neste sentido, o comportamento religioso atualizado na figura de Angelino está profundamente ligado à ações modelares:

"Rezou, com o chapelão amassado sob o braço e as mãos enroscadas unidas, do jeito que a mãe-velha, lobinho pesando na tábua da garganta, lhe ensinara, como siã-Nenga fazia diante da Santa de coração judiado, com as sete espadas pingando das pontas as sete dores" (p. 119).

A concepção acerca da vida revela sempre uma dependência constitutiva. Corresponde a uma maneira de ser da consciência. Esta consciência que o homem vai organizando acerca de si mesmo, do seu eu, da sua personalidade, da realidade do mundo é consequência de modelos estabelecidos primordialmente e recolhidos na

consciência mítica. Nesta direção, pode-se observar que o conceito de vida expresso por seu-Silvano, ao falar com Angelino, mostra a nível mítico, a vida árdua e simples que vive o homem serrano além de confirmar o título do romance:

"A vida da gente é a tormenta, o sol que tosta, a geada e a neve encaran-gando e as trabalhadeiras da lida, lavourando, partindo o espinhaço no arrastão das rodadas, retalhando-se no desmanteio da corneação. De alegria? Um pixurum, a sanfona, um bom parelheiro e a china nas ancas, pedindo judiaria..." (p. 48).

Através desta concepção de vida na qual o homem assume um papel central, o Autor mostra que o serrano é um ser em luta. E assim, o regionalismo em Tito Carvalho adquire significação universal, ao lado de forte raiz local.

Em Vida salobra, aliada à idéia de vida, aparece a de morte. O homem vive sob o signo da morte, sendo o seu medo universal e inato; entretanto, na dimensão mítica, a morte não aparece como destruição; ela é o fundamento da vida dos mortos. Para o "homo religiosus", a morte é a verdadeira vida; assim quem morre partilha do sagrado e figura como modelo. A morte, apesar de seu caráter mítico, é um acontecimento físico irreversível e a carência operada por sua causa é suprida com o culto aos mortos e, no romance, este culto é feito através da narrativa retrospectiva, onde se procura reviver o tempo em que a pessoa ainda vivia. Com a morte de seu-Silvano, o mundo para Angelino e, em parte, incompleto, mas ao relembrar fatos da vida do amigo que o ajudara a esconder-se de seu-Florêncio, anula sua ausência física pela presença enquanto modelo e objeto de culto:

"Estava no termo da viagem que arrastava cada qual pelo mundo. Mergulharia nas sombras, mas deixando o nome em cada pouso e em cada galpão entre os da sua igualha, que fora tropeiro franco de poncho aberto e cuia cheia para os demais, de amor à lida, mesmo nas horas mais enzaricantes, nos passos mais podres, que a gente transforma com um pouco de imaginação, chasqueando da ruindade dos lances, para deles rir, rir sempre, com alma e alegria durante e depois da luta dura, tornando-se bem mais valioso e doce o gozo de vencedor..." (p. 113).

"Tio Silva sorria, como se na morte houvesse encontrado o que procurava, vestindo-se de sonho até pouco fugidivo, agora atingido, nele se encaixando, como santo na sua peanha. Fizera termo sem queixas nem rancores, e se passara rindo de tudo, um riso de quem perdoa, de bondade, de alegria, como em triunfo de libertação..." (p. 119).

"A morte era aquilo - o descanso, o sono manso de quem nasceu. E a vida, com seus peraus, com escoltas no rastro e Florêncio ditando leis no campo, era um enzaricar de todo minuto, com água salobra amargando a boca dos pequenos, da miudagem pobre..." (p. 119).

Através da vivência mítica, os homens procuram repetir os modelos propostos nas origens. E o amor também é um gesto que reproduz os arquétipos míticos. Em Vida salobra, este gesto é atualizado de várias maneiras. Em primeiro lugar, no sentimento paternal de seu-Silvano em relação a Angelino, seu companheiro de trabalho. O velho andarengo, depois de tantas viagens e destinos flutuantes, rumo ao sonho de tornar-se rico através de garimpo, sente-se realizado, como um pai que deixa uma boa herança ao filho, ao legar para o rapaz o seu sonho de encontrar as minas de prata:



"Seu-Silvano olhou-o longamente, com um carinho que nunca mostrara. Era como um filho que lhe ficava, alguém que pegaria amor à caçada da mina, não deixando morrer o sonho que estendera pela vida, como uma longa réstea de luz, um bem nunca atingido, para não desmanchar a ilusão boa duma felicidade de que perseguimos e que nos persegue, sem nunca chegarmos ao encontro marcado..." (p. 115).

Manifesta-se também o amor na figura de siã-Nenga. Ela volta-se constantemente ao passado em busca de estímulo para o presente, pois apesar de casada com seu-Florêncio e mãe de Dêga, ela não esqueceu o rapaz que amara na juventude:

"Não esquecera o seu amor, retalhado a faca num cotovelo de estrada, em espera feita. Sentia que o seu espírito andava perto, falando pelas coisas, no balanço das ramas dos pessegueiros, no gorgulhar da água riscando o espaço num arco transparente. E de tal forma o moreno se lhe grudara ao pensamento que diria ser o verdadeiro pai de Dêga, naquela bravia resistência da moça e naquela constância ao seu escolhido, com que se defendera das ambições de seu-Florêncio..." (p. 152).

Outro exemplo em relação ao amor pode ser citado: são os planos de siã-Nenga em relação a Dêga e Angelino. Ela se preocupa com que Dêga realize um casamento por amor, desinteressado do dinheiro:

"Melhor ainda: havia de remoçar, com a felicidade dos filhos casados, tendo filhos também, que ela criaria com ternura e orgulho da avozinha..." (p. 152).

De acordo com a visão mítica proposta pelo Autor, Dêga e Angelino expressam na obra a vigência do amor puro e verdadeiro,

embora a nível ideológico ele não possa ser realizado, pois Dêga é filha do fazendeiro rico e Angelino é o agregado.

Assim, tanto Angelino como Dêga, ao persistirem neste amor, violam a estratificação social. E um exemplo bem curioso e importante é o sonho de Dêga. Em seu sonho, o amor vem ligado à capacidade de procriar. Este sonho é projeção de seu desejo contido pela realidade social, e enquanto que de dia ela é presa de frustrações porque seu pai não quer seu casamento com Angelino, à noite, o sonho a libera das proibições paternas:

"- Mãe: sonhei com ele. Diz - que vinha rindo, trazendo um cargueiro de trenz, um bercinho de sobrecarga. Diz que eu tava panzininha" (p. 101).

E Angelino, por sua vez, mesmo distante de Dêga não deixa de pensar nela. E configurando o dilema próprio de quem ama, Angelino tortura-se em dúvidas:

"Verdade que Dêga não lhe deixava o coração. Amor é ver "mata" gostosa. Comicha, no princípio. Depois toma conta do pêlo da gente... Para possuir Dêga, devia confiar no golpe da sorte. Podia que a prata nunca aparecesse, por não estar ali. Mas, se o destino rabeasse e pusesse na frente dele o prateado? Seria inútil, se Dêga, por obediência, se amarrasse com homem rico, mal enjambrado... Depois... Ora... Quando o amor é firme, "fixe", nada o torce, nem quebra. Ela esperaria. Ou talvez não. De qualquer maneira, estava sendo posta à prova. E quando se guarda constância, a vitória não falha" (p. 98).

Pode-se perceber através dos vários exemplos que Siã-Nenga, Dêga e Angelino colocam no passado ou no utópico futuro, ou mesmo em outras terras, a realização do amor. Esta fuga para

um espaço e um tempo seguro preenche os vazios que as personagens, no presente, sentem. Esta visão que é dada pelo Autor, ao colocar no presente a impossibilidade dos desejos das personagens, identifica-se com a ideologia romântica em relação ao escapismo nostálgico e à presença do sonho. E, ao denunciar o presente como o tempo das frustrações, o Autor faz o ataque ao sistema a nível ideológico pela valorização dos seus contrários, pois todas essas personagens são marcadas essencialmente pelos valores ligados ao amor, à felicidade e à religião. E assim, ao examinar-se estes valores, verifica-se que o homem constituído à maneira romântica vai possuir um sistema de atitudes que se presentifica na obra como modelo e, que, a nível mítico, define-o como herói.

#### 2.1.1.3. O herói mítico.

A constante preocupação dos mitos pelas origens implica sempre numa preocupação pelo ser, cuja verdade funda a realidade dos homens. O suporte mítico em Vida salobra apresenta o homem serrano possuidor de qualidades morais que vão constituir um código de valores que caracteriza este grupo social. Estas qualidades são: a coragem, a honra, a lealdade, a amizade, a falta de ambição, o espírito aventureiro e a liberdade das quais participam Angelino, Tivi, seu-Silvano, e em geral, todos os peões. Todas estas personagens simbolizam a classe pobre, a classe possuidora dos valores modelares.

A valentia do serrano torna-se evidente na figura de Angelino. Aqui, a valentia vem estreitamente ligada ao machismo, enquanto este não possuía sentido pejorativo. A ligação é tão es-

treita que quem não é valente não é considerado homem. Assim, quem revela valentia, revela também virilidade e esta vem associada à conquista da mulher:

"podem ornear. Mas, valentia de macho amolece o coração das raparigas e deita estima no dos homens. É como fogo nos geadões do inverno, que amarra o branco e deixa o negro sem-vergonha" (p. 23).

"O Superintendente gostara no fundo, da valentia de Angelino. Era moço, que diabo! E os repentinos de coragem só mostravam fibra de homem, não engulindo desaforos e reagindo aos insultos" (p. 195).

Outra ligação com o machismo é a honra. Uma vez ofendido, o indivíduo terá que lutar para reparar a ofensa. E, muitas vezes, o compromisso em defender a honra de macho e de valente transcende o individual e o homem defende todo um passado que cultua, na figura de seus antepassados. É o que acontece com Angelino, enfrenta Seu-Florêncio quando este ofende não apenas a ele, mas também a sua família:

"- Não sou desses, seu Florêncio. Nada tenho de meu, senão a mãe. E nessa carancho não põe o bico. Desgraçado e pobre, sim. Ladrão nunca. O pai carancho na cadeia, p'ra tipo da sua laia aumentar as posses carneando as reses graxudas da vizinhança. Todos sabem. Agora, se você abusa da gente fraca p'ra picar inocentes, fique sabendo que topa home nas paletas! Tá ouvindo?" (p. 11).

Mas nos domínios rurais, a autoridade do proprietário de terras não sofria réplica. Tudo se fazia conforme sua vontade, muitas vezes caprichosa e despótica. Por essa razão, Angelino de

depois de enfrentar seu patrão, teve que fugir para não ser morto.

A franqueza é outra qualidade que, assim como a valentia e a honra, faz parte da escala de valores deste homem do planalto. A caracterização de Angelino segue também este caminho quando narra a razão de sua fuga a Seu-Silvano, e isto faz com que Seu-Silvano o convide para juntos procurarem as minas de prata:

"O domador, entanto, trazia a franqueza nos olhos, contando as coisas como se as tivesse presenciado e não constituído figura central, certo de ser acreditado, pela confiança em si mesmo, que não admitia dúvidas, onde houvesse gente de honra e tutano" (p. 47).

Aliado ainda a estas qualidades, aparece na fala de Angelino um desabafo que resume toda sua revolta. Esta revolta é consequência da impossibilidade de provar sua inocência ao ser acusado de ladrão por seu-Florêncio. A expressão pronunciada por Angelino assume todo este quadro de atributos do qual ele faz parte:

"- Sou home; caraco!" (p. 117).

Este conflito gerado da situação que não tem própria mente presente e que não se sabe de seu futuro, transfere a crise individual de Angelino a um plano social e universal. E, deste modo, projeta-o como herói problemático que traduzido pelo pensamento de Lucien Goldmann é a personagem "não no sentido que cria problemas, mas no de uma personagem cuja existência e valores o situam perante problemas insolúveis, dos quais ele não é capaz de adquirir uma consciência clara e rigorosa" (2).

Situa-se também Angelino como herói na definição de B. Tomachevski, quando se trata da caracterização. Para este autor "o personagem que recebe a tinta emocional mais viva e marcada é chamado de herói. O herói é o personagem que o leitor segue com maior atenção. O herói provoca a compaixão, a simpatia, a alegria e o sofrimento do leitor" (3).

No código de honra do homem serrano não cabe a traição. É a honra que impede Tivi de revelar a identidade de Angelino quando os dois se encontram na vila onde Angelino era procurado pelos camaradas de seu-Florêncio e pela polícia:

"Mal pôs os pés na porta, Angelino deu de peito com o camarada osco que o empurrara para a restinga, a safar-se da Winchester do fazendeiro, atirando-o para o destino a que se abandonara. Beberam no mesmo copinho. Pelo jeito e pela fala fora reconhecido. Mas, o outro, também tropeiro de honra, não lhe mencionou o nome" (p. 142).

A lealdade e a amizade são constatadas expressivamente na atitude de Tivi. Este se junta a Angelino, na procura da prata, em substituição a Seu-Silvano que morre sem ver seu sonho realizado:

"E Angelino, mais animado:  
- De acordo, amigo. Vancê é mesmo dos "bão", dos que não falham na hora do aperto. É tropeiro de lei, que não deixa parceiro de-a-pé na estrada! E foi Deus que mandou vancê ao meu encontro, p'r'o destino se cumprir..." (p. 185).

Em estreita ligação com as outras qualidades do homem serrano, encontram-se a liberdade e o espírito de aventura. Estes atributos fazem da figura de seu-Silvano um excelente exem -

plo. Sua superioridade física e moral e, ao mesmo tempo, sua falta de ambição, fazem dele um homem livre. E esta liberdade, sem dúvida nenhuma, transforma-o em um ser andante:

"Desejava que não fosse o prateado. Se o achasse, como se arranjaría, com aquele fadário de tropear, livre na campanha, e o sonho de caça desfeito? Para que riqueza? Para o mulhério era tarde: fôra-se a "disposição", como chasqueavam os camaradas. E não tinha tombo de retalha do. Para escoro da velhice, besteira! Não era de cordas macetas, nem espinha mole, para viver no descanso, a comer e dormir que nem gado invernado, ou gente de garrão frio, encorrigida na cadeira de paralítico" (p. 93).

Do mesmo modo que Angelino, seu-Silvano e Tivi são configurados no paradigma de herói de acordo com a concepção de Tomachevski.

Assim, todos os exemplos apresentados mostram o tipo regional serrano proposto por Tito Carvalho. A explicação para o comportamento dos homens do planalto catarinense que têm como referência um determinado sistema de atitudes e valores está no mito, pois é ele que conserva a força dos gestos primordiais. Mas, opondo-se ao tipo ideal serrano, surgem outros homens que rompem com os padrões de comportamento modelares propostos no mito e, com isto, definem um novo tipo humano revelado pelo Autor. Com eles, surge uma outra escala de valores que é posta à mostra em Vida salobra através do mito ideológico.

### 2.1.2. Mito ideológico.

A presença do mito ideológico na obra põe à mostra os homens que contrariam o código proposto pelo mito original. E no fundo deste ato, está um gesto mais significativo, pois estes homens, ao romperem com os padrões de comportamento modelares, rompem também com a identidade entre homens e natureza, o fundamento da visão sacralizada e mítica do mundo, e ligam-se a "um corpo de máximas e de preconceitos que constitui em seu todo uma visão do mundo e um sistema de valores"<sup>(4)</sup> com base no poder econômico.

Esta cisão com o mundo sacral está determinada historicamente, pois a partir da Primeira Guerra Mundial, a sociedade brasileira, devido aos surtos industriais, vê nascer e intensificar-se a questão social nas cidades. Este processo provoca também uma transformação política. E com isto, o homem do mundo agrário, ainda detentor do poder econômico, equipara-se ao novo homem político que surge na cidade. E deste modo, abre-se caminho para uma nova sociedade. Nesta direção, o romance regionalista de 30 está ligado às grandes transformações históricas desta fase. Por seu caráter iminente social, o romance regionalista acentua a transição de feudalismo agrário para a civilização industrial e urbana.

Assim, esta mistura de campo e cidade presentifica-se no mito ideológico para desmascarar uma sociedade estratificada em camadas, com a conseqüente injustiça social.

A denúncia desta visão do mundo baseada em desequilíbrios remete à oposição que origina toda a intriga do romance de Tito Carvalho. Daí porque é possível perceber a divisão das per-



sonagens em dois grupos distintos: por um lado, existe o grupo representado pelo elemento forte economicamente, exercendo o controle da engrenagem; e por outro lado, há o grupo representado por aquele que não possui este tipo de valor, e em consequência, é vítima desta engrenagem. O elemento fraco economicamente configura-se em herói e presentifica-se, como já foi visto, no mito original; o dono do poder domina o mito ideológico, configurando-se em anti-herói.

#### 2.1.2.1. O anti-herói.

A ruptura com o mundo natural vai configurar a oposição básica entre herói e anti-herói, pois o afastamento das raízes telúricas provoca no homem seu enfraquecimento tanto físico como moral. Assim, as figuras ligadas às atividades com a terra são apresentadas sob o conceito de herói e as figuras que dela se distanciam pertencem ao paradigma do anti-herói.

Como a reforçar a caracterização do anti-herói, Tito Carvalho apresenta este grupo multiplicado e em constantes discussões. Num primeiro grupo, situa-se o latifundiário, na figura de Seu-Florêncio e, por extensão, na figura do capataz; o Poder Público, representado pelo Capitão Mariante, o delegado Seu-João Tomé e o Superintendente Seu-Cazuza; e a Igreja, na figura do Padre Heriberto. Num segundo grupo - representando a oposição partidária - situa-se a figura do Major Salustriano. Finalmente, o terceiro grupo é representado pela comadre Fausta.

Em Vida salobra, o primeiro dos anti-heróis, é o protótipo dos proprietários rurais e vem representado por Seu-Florên-

cio, tanto pelo poderio econômico, como também pela violência, extorsão e maldade.

Exemplo destas qualidades negativas, de forma bastante expressiva, é a sua discussão e briga com Angelino: ao tomar conhecimento do roubo dos porcos que Angelino cuidava, Seu-Florêncio deixa-se dominar pelos seus instintos e culpa o peão pelo fato:

"- Gente de sua igualha, nem p'ra carregar estêrco! Não foi à toa que meteram teu pai no buque! De cruza ruim não sai boa coisa. Tá-í a prova. Vancê campeia porcos: os bichos somem. Agora, culpa ladrão que não viu. Ladrões... Ladrão é vancê, seu pesteadado, e mais a bruaca que o gerou!" (p. 10).

Motivado por essas injúrias, Angelino passa uma rasteira no patrão, derrubando-o. Mas, logo depois, ao fugir para não ser morto, arrepende-se e pensa em voltar e desculpar-se. Desiste da idéia sabendo de antemão que não seria perdoado. Através deste fato, nota-se que Seu-Florêncio faz sobressair, através do contraste, o tipo ideal proposto pelo Autor: enquanto Angelino arrepende-se de ter derrubado o patrão, este, na impossibilidade de matá-lo imediatamente, trama vingança auxiliado pela polícia:

"O fazendeiro perdoaria o roubo, de que não poderia culpar o domador. Difícil esquecer, porém, o não ter cobrado a bala o tombo ridículo da rasteira. Tramava a sua vingança. O prestígio partidário torná-la-ia realidade, para escarmento dos confiados, gentinha sem lugar onde cair morta e sem cachorro que lhe mijasse na cova" (p. 21).

Assim, depois de exigir a prisão de Angelino e atacar a cadeia com os capangas para matar o peão que teve coragem de

enfrentá-lo, Seu-Florêncio volta alegre e gentil para casa:

"... a ânsia vingativa se lhe acalmara, seguro de que a ofensa do tombo havia sido cobrada honestamente. Rasteira não é traição? Ora... Olho por olho..." (p. 31).

Seu-Florêncio, o anti-herói por excelência, mostra, através dos exemplos citados, como é a vingança do grande proprietário de terras quando consegue agarrar desprevenidos aqueles que conseguem sobrepujá-lo. E, vinculado também à política da vila através do dinheiro, abusa do poder que tem e procura com sua posição pressionar e cercear a liberdade dos mais fracos dentro da estrutura social.

Outra personagem que trabalha na fazenda, e que também pertence ao paradigma do anti-herói, é Laurindo, o capataz. Esta personagem é o prolongamento dos defeitos do patrão. Sua morte causada por gangrena é, segundo as palavras de Tivi, uma punição:

"Veja vancê: Laurindo sempre tomara o partido do patrão e a desgraça foi logo tarrafeiar os dois, como punição da ruindade, Nós' Senhor lhes perdoe!" (p. 148).

Situa-se, igualmente, no paradigma do anti-herói, Seu-João Tomé, o fazendeiro que exerce as funções de delegado. O autor vale-se desta figura, de caráter ambíguo, para projetar a imagem da dominação de classe. O traço marcante da personalidade do delegado é o de ser corrupto. Por influência do dinheiro de Seu-Florêncio, aprisiona Angelino apesar de reconhecer sua inocência:

"Tinha de apertá-lo, porém. Seu Florêncio exigira. E seu-Florêncio multiplicava-se, nos pleitos, em tre-

zentos florencinhos, de todo pelo e porte, influenciando nas votações" (p. 23).

Motivado pela corrupção própria de seu caráter e pelo temor da oposição partidária, Seu-João Tomé procura ajuda de Seu-Cazuza e do capitão Mariante para resolver o problema, pois:

"Prender Angelino era violência, abuso do poder. Soltá-lo era fazer reponte para a invernada oposta de trezentos florencinhos votantes" (p. 27).

Assim, os três juntos conseguem solucionar o problema. Traindo a confiança de Seu-Florêncio, o delegado dá fuga a Angelino e, ao mesmo tempo, manda um aviso ao fazendeiro para que naquela noite ataque a cadeia e mate o inimigo. Deste modo, quando Seu-Florêncio vem acompanhado de seus capangas para matar Angelino, eles matam somente um gato que o astuto delegado havia colocado em seu lugar.

Ainda, como caracterização de Seu-João Tomé, salienta-se sua atividade como fazendeiro. Mas, ao preparar a terra para o plantio, o fogo amplia-se devido à seca e continua por vários dias. Quando consegue apagá-lo, Seu-João Tomé havia enlouquecido. Desta maneira tem o mesmo destino de Seu-Florêncio que, ao ver-se arruinado por causa da peste que atacara o gado, ficara louco.

O elemento estranho ao meio-ambiente faz-se presente na figura de Seu-Cazuza. Sua terra natal é o Sergipe. Esta origem não só enfatiza sua ruptura com o ambiente natural do planalto, como também coloca-o em estreita relação com os outros anti-heróis pelo seu caráter corrupto e traiçoeiro. Este mesmo julgamento está presente na opinião de Seu-João Tomé:

"... consultaria seu-Cazuza, fértil em recursos e soluções, dando conselhos sem segui-los, coisa de poncho de duas vistas - dum lado a lã azul, do outro, por dentro, a baeta vermelha" (p. 25).

Outra personagem que representa o Poder Público é o Capitão Mariante. Apesar de sua indumentária lembrar a antiga fidalguia, insere-se ele no paradigma do anti-herói. Nesta obra, a atitude dos poderosos é a de esconder-se nas sombras, agindo muitas vezes através de seus cúmplices. É o que acontece com Capitão Mariante. Embora sabendo que Seu-Florêncio não tem razão em relação a Angelino, o Capitão não tem coragem de opor-se a ele, mas, ao mesmo tempo, endossa a atitude do delegado em soltar Angelino, contrariando assim as ordens de seu-Florêncio:

"- Tem razão, primo. Compadre Florêncio pode agravar-se. Mas entre a guampada do amigo e o coice do adversário, devemos escolher a primeira. Não há perigo d'estoira dos eleitores. Numa sapecada não saltam todos os pinhões. Torcer as coisas contra o direito não é possível. E, depois, as eleições estão longe. Si ga o rumo certo. Estou com vancê" (p. 30).

Manifesta-se também, no paradigma do anti-herói, o Major Salustriano. Esta personagem, apesar de opor-se às demais figuras do mito ideológico por divergências partidárias, une-se a elas pela sua corrupção.

"O conservantismo de Seu-Padilha, porém, contrabalançava os repentinos explosivos do Major. E só sob esse aspecto, da diferença de temperamento, se figuravam ambas forças inconciliáveis na sua permanente divergência. Todavia, no fundo, eram da mesma cepa moral, sem ambições que

não as nitidamente individualistas" (p. 67).

Insera-se, nesta mesma caracterização, a seguinte passagem:

"Salustriano dobrava a sumanta no Governo. Chegara a hora, remoía. E a velha armação desfazia-se de poder, não resistindo à trovoada que sacudia as estâncias. Poderia a Superintendência aguentar um pouco o tronco, mas, por via do voto, criação de isenções em suborno, tinha o cofre raspado" (p. 67).

Uma curiosa figura que pertence também ao paradigma do anti-herói é comadre Fausta. Sua personalidade contrasta vivamente com a de Siá-Nenga que pertence ao mito original. Comadre Fausta, beneficiada por sua profissão de parteira, tem livre acesso aos lares e aproveita-se disso para fazer fofocas:

"Mastigando rosquinhas de queijo, com estalos felizes da língua, comadre Fausta, selecionava os informes, com o cuidado de quem separa, para exibí-los, vistosos bicos de renda ou tiras de entre-meio de agulha. As bisbilhotices tinham minúncias sujas de pasquim e ervadas perfídias de gazeta oposicionista" (p. 36).

É ela quem leva a notícia da falsa morte de Angelino à fazenda, provocando grande dor em Siá-Nenga:

"- E do Angelino, não soube?" (p. 36).

"E foi perguntando, quase num cochicho, que fez a revelação chocante: - No buque ou na cova?" (p. 37).

Também o vigário pertence ao paradigma dos anti-heróis.

Ele não está preocupado com a crise pela qual passa o povo. Sua explosão reflete unicamente interesses particulares:

"- E a Matriz sem os terneiros? Tudo perdido! E o padre sem receber batismos e casamentos, nem onças e patações, vai encher a barriga com que, se não há mais congrua?(p. 65).

Através de todos estes exemplos, percebe-se que estas personagens aparentemente são vistas preenchendo os requisitos do código moral ideal. Mas na realidade são personagens degradadas por uma ruptura com o mundo mítico original. Esta ruptura foi provocada pela corrupção moral e ou, também, pelo engajamento em atividades contra os seus semelhantes.

Em decorrência desta ruptura, instaura-se o desequilíbrio, é alterado a ordem e, diante disto, ou o homem se reformula ou sucumbe, como acontece com Seu-Florêncio, Seu-João Tomé e Laurindo, para que vença o sentido de União proposto pelo mito.

Ao pretender caracterizar a sociedade serrana, através destas personagens que podem contribuir para a expressão viva de relações entre grupos sociais, Tito Carvalho insere sua obra nas características do romance social, no qual procura retratar uma sociedade que ele julga injusta. E com isto, ele traz para a ficção a exploração dos erros da organização social, mostrando os caminhos que o forte idealiza para se manter no poder.

#### 2.1.2.2. A denúncia do poder.

A denúncia do poder revela a falência do mundo histórico construído após a ruptura com o mítico original. Esta denún -

cia está radicada principalmente no mundo das personagens onde o Autor estabelece a oposição entre os falsos valores vigentes nesta sociedade e os valores que ele considera autênticos.

Em consequência da vigência destes falsos valores, Tito Carvalho focaliza uma realidade social corrupta onde as instituições humanas contribuem para o esmagamento do homem.

Neste sentido, Vida salobra apresenta a razão da miséria, do desnível social e da opressão. E com isto, acentua um sistema formado de sujeitos e objetos. Ao nível de sujeito, estão os elementos que apresentam o grupo do anti-herói e são os que expressam o poder; ao nível de objeto, situam-se os elementos que constituem o grupo do herói, basicamente formado pelos peões e pela mulher.

A denúncia do poder presentifica-se na obra para mostrar os meios de que os fortes se valem para continuarem dominando. Assim, uma série de procedimentos impera nesta sociedade e atualiza esta denúncia. Um exemplo bem expressivo é o procedimento de Seu-Cazuza em relação às eleições municipais. Aproveitando-se da boa fé e da falta de instrução dos eleitores, o superintendente não reluta em substituir as cédulas oficiais por outras confeccionadas por ele próprio. Ao violar a lei, ele garante a vitória para o seu partido político:

"Na hora da chamada dos eleitores, seu-Cazuza achara jeito de dar seu golpe. Fizera cédulas em máquina de escrever. E saiu por entre o eleitorado do Major, muito sorrateiro, a substituir as que tinham pelas ruas ..." (p. 79).

E ainda:



"Ninguém ia contra o Superintendente. Aceitavam a troca sem ler, que mal sabiam riscar o nome de batismo. Capitão Mariante queria; assim tinha que ser feito, que o homem-velho sabia o tempo justo de acertar o pealo" (p. 80).

Outro procedimento que atualiza a denúncia do poder é o do Padre Heriberto, pois, ao fazer a pregação do sermão com base na ideologia vigente, distorce os reais valores cristãos em seu benefício:

"Não se conformava o Vigário com a indisciplina, que era uma deserção espiritual. Também ele padecia faltas, com a fulinação dos rebanhos. Diminuíra a receita, forçando-o a entrar um tantito nas reservas. Nem os fabriqueiros o atendiam. Ralava-se de inquietação. E subia ao púlpito, com acenos violentos e infelizes sobre a cabeça baixa das damas da Irmandade, a lembrar, com o seu vício da pintura, o quadro bíblico das sete pragas egípcias, e se repetirem sempre na história, quando os ímpios cuidavam mais das vacas moribundas do que da própria alma, ferendo das varejeiras do pecado" (p. 83).

No romance de Tito Carvalho, efetiva-se também, a nível de denúncia, o descanso do Governo em relação ao povo. Pode-se notar nitidamente este procedimento através da crítica do Major Salustriano, que representa a oposição governamental:

"... Agora, do Governo estamos bem servidos. Nem os farelos da mesa ele pincha p'ra pobreza. E cada um tem de curtir o seu fadário. Véspera de eleição é despejo de promessas, batidinhas nas costas, amigo velho p'ra cá e p'ra lá, estrada de dez metros aberta e depois abandonada. Uma banana p'r'os reclamantes! Fiem-se na virgem e não corram! O que

se devia fazer era dar um costeio nos mandões, pegar espinhaço duro, de gente tutanuda, falar franco e mijar branco, quer dizer - votar contra, porque a favor não se arranja nada" (p. 125).

E em outra passagem:

"Então, cadê a igualdade republicana, quando todos pagavam impostos, às vezes num apuro safado, e só meia dúzia mamava nas tetas do tesouro? A revolução viria. E era dali, do sul, do Rio Grande, com os guascas enfiando as lanças por esta joça afora, até fisgar o rabisteco dos mandões sem palavra" (p. 86).

E mais adiante:

"... Do Governo, nada bosta! Não po de olhar p'ra cima, p'ras montanhas, quem só enxerga os sabugos lá de baixo" (p. 90).

Esta denúncia, ao mostrar também as rivalidades regio nais, através da oposição entre a cultura litorânea e a do interior, traz para a literatura a documentação de um processo político de grande importância que eclode com a Revolução de 1930. Este momento político começa a esboçar-se no país desde o advento da República, quando a classe média disputava uma parcela do poder, originando-se, com isto, transformações nas estruturas sociais, desmoronamento dos latifúndios e decadência do sistema patriarcal.

Por este engajamento político, enquadra-se Vida salo bra num conjunto de obras que constituem o "romance de 30". Este tipo de romance tem o mérito de realizar os ideais modernistas, no sentido do testemunho político e social, ao mesmo tempo em que, retomando elementos característicos dos períodos anteriores,

dá continuidade ao constante documentarismo na literatura brasileira.

Por seu caráter documental, Vida salobra mostra uma sociedade em crise; crise pela qual passava também todo o país no início do século. Tal fato caracteriza-se por uma insatisfação geral que vai repercutir na estrutura da sociedade. Deste modo, a nível ideológico, Tito Carvalho efetiva a denúncia de uma sociedade onde o "poder é lei" (p. 31), além de mostrar, não somente, como os poderosos destroem os mais fracos, mas também, como estes poderosos se destroem mutuamente. Em decorrência disto, presentifica-se na obra uma série de desequilíbrios que vão originar os mais variados conceitos de política, polícia, justiça, liberdade, segurança, lei, progresso e religião que imperam nesta sociedade:

"Política e Polícia saíram da barriga da mesma mãe" (p. 47).

"... a justiça tem suas tramas ocultas" (p. 47).

"contra gente rica, não há justiça" (p. 13).

"... veredas encabritadas da justiça" (p. 74).

"... servindo a justiça só para as coisas ruins, de gerar tristezas e desesperos" (p. 162).

"... liberdade e justiça são trastes de negociar" (p. 111).

"Não haveria crime, onde a lei é torta e cruel" (p. 191).

"Pobre que tira é ladrão. Rico que rouba é doença" (p. 24).

"... o cipoal dos direitos e deveres..." (p. 23).

"Progresso aqui é rabo de cavalo - cresce p'ra trás e p'ra baixo" (p. 65).

"Religião e churrasco, cada um come o que lhe apetece" (p. 65).

Todos estes conceitos fazem de Vida salobra a narrativa da corrupção do mito original em contato com o tempo histórico. E, pelo fato do Autor incorporar processos fundamentais do modernismo de 30 em seu romance, percebe-se que a ideologia disseminada na obra é a energia que dá força a tudo e exprime os interesses, os ideais e as preocupações de um certo tipo de homem, em uma determinada época e, com isto, denuncia a subversão do humano. E dentro desta intenção e realização, o romance de Tito Carvalho, revela-se amplificador das grandes injustiças do mundo ao projetar as injustiças de uma determinada região.

Formando com a ideologia um único sistema, o telurismo aparece para denunciar o desequilíbrio social e econômico existente na obra.

#### 2.1.2.3. O sistema telúrico-ideológico.

O telurismo aparece no romance para enfatizar a oposição forte/fraco e, com isto, reduplica a divisão, já constatada, das personagens em heróis e anti-heróis.

Em decorrência disto, a narrativa estabelece uma integração homem/natureza numa relação meramente econômica, em oposição à integração homem/natureza a nível mítico.

Tal constatação em Vida salobra, vem reafirmar o conceito do espaço mítico, pois, de acordo com a cosmovisão mítica, o espaço não é homogêneo. Há um espaço sagrado, e por consequência, "forte", significativo e um espaço profano, amorfo. Esta oposição sagrado/profano pode ser traduzida também por uma oposição entre real/irreal. Constitui, ainda, esta oposição, duas modalidades de ser no mundo, duas situações existenciais assumidas pelo homem no decorrer de sua história.

No romance de Tito Carvalho, a terra é vista sob dupla visão: para os patrões a terra representa riqueza e poder e possui, por isto, caráter profano; para os peões a terra significa verdadeiro manancial da vida e o homem está a ela ligado por laços afetivos, e, por este motivo, a terra é sacralizada.

Então, a nível ideológico, torna-se uma constante a configuração da luta pela terra motivada pela ambição. O exemplo mais expressivo atualiza-se na figura de seu-Florêncio:

"- Parés'que vamos aumentar três milhões de campo, com a invernada do Anselmo. Permuto o terreno com cem cabeças, e mais a ponta de águas pelas benfeitorias. Pastagem especial de boa, valendo mais do que dou" (p. 32).

A nível mítico, o valor sagrado ou profano atribuído ao espaço depende da forma como a personagem sente o lugar em que está ou gostaria de estar. Neste sentido, pode-se observar que, para Angelino, a fazenda surge, ao mesmo tempo, com conotação negativa e positiva. Possui conotação negativa quando caracterizada a nível do profano, a fazenda indica o lugar onde Angelino é procurado pelo patrão e com este fato atualiza-se a injustiça social, a vigência da lei do mais forte:

"Viera do seu campo, sem cálculo do passado novo, enterrado, num pé de Serra, como bicho alçado, sem distâncias para encher os olhos. Nada fizera de bandidagem, para aquele homizio em sofrimento. Fora homem, respondendo, como num cotejo em que se medem as vasilhas com lealdade e bravura, golpe contra golpe. Diante da força gorda e pesada de seu-Florencio, alçando o relho para humilhá-lo com rebençãos, como a pilungo baldoso, de empinar baleando-se, valera-se da arma do fraco, que é ligeireza, temperada com astúcia" (p. 97).

Numa leitura à nível do sagrado, a fazenda é visualizada miticamente, significando imago mundi<sup>(5)</sup>. Assim o espaço sagrado ao qual Angelino acha-se irmanado apresenta múltiplas vivências contraditórias:

"E, por instantes, a atração do campo, que o chamava sem palavras, fazia com que quase abandonasse a mata abafadiça para galopar nas cochilhas, ainda que houvesse de ser encarcerado, ouvindo os parágrafos do Delegado e o pianço gosmento do cabo-da-guarda. Calmava-o, porém, o contágio da ambição. Sem ter alguma coisa de seu, não poria pé onde a justiça cravava as garras" (p. 98).

A cosmovisão para o Homo Religiosus implica na existência do mundo de cima e do mundo de baixo. Assim é também para Angelino: a fazenda é o mundo de cima; a mata o mundo de baixo. Este fato vem enfatizar a localização geográfica dos dois lugares, pois a fazenda situa-se no planalto, isto é, na Serra-Acima e a mata está localizada no litoral, ou seja, na Serra-Abaixo. O elo que põe em comunicação este mundo debaixo com o de cima é o pensamento de Angelino ao reportar-se constantemente à fazenda e evocar as pessoas a quem ama:

"Angelino multiplicava os golpes em desespero de febre, esmagado do isolamento, com a ânsia inchada de rever a querência, de saber da vida lá fora e lá riba, de conhecer o destino do seu amor" (p. 112).

Do mesmo modo que a fazenda possui, para Angelino, caráter ambivalente, ao significar o lugar onde realizaria a felicidade ou recuperaria o que perdeu e é o lugar onde há injustiças e vinganças, também a mata passa a ter caráter profano e/ou sagrado. A mata passa a ter caráter profano enquanto Angelino, deslocado de seu meio-ambiente, sente-se solitário, inseguro e se vê às voltas com o próprio destino. A mata terá caráter sagrado ao significar abrigo seguro para Angelino contra as injustiças.

Deste modo, a nível ideológico, a mata é um castigo para Angelino pelo fato de ele ter ousado violar o sistema social ao enfrentar o patrão; mas a nível do mito-original, a mata remete a um conceito de liberdade, significando a não sujeição às injustiças do patrão:

"Tivi tornava a remirar as pedras com enlevo. Estaria ali a liberdade de ambos. Nada mais de agregos ou de ajustes. Havia a querência, é certo. Mas, outra viria, com o campo que passaria a ser deles, fora da sujeição escravizadora" (p. 183).

A mata vai ser, em termos de cosmovisão mítica, lugar da manifestação do sagrado, em consequência da imolação sofrida por Angelino. Deste modo, o encontro do panelão de diamantes na gruta se dá como verdadeira hierofania,<sup>(6)</sup> consagrando a gruta, ao mesmo tempo que estabelece um novo axis mundi<sup>(7)</sup>:

"Angelino perdeu a fala, comovido, à beira do caldeirão fulgurante. Era como se um pedaço de céu estrelado

houvesse caído e ficado prisioneiro naquela cova. Deitou o facho ao lado, tirou o chapelão. Sem querer, começou a rezar" (p. 186).

Sendo a pedra, neste caso, a materialização do sagrado, poder-se-ia identificá-la com o "umbigo" do mundo, como também, com o irredutível, com aquele que vence o tempo. E fazendo isto, poder-se-ia dizer que, por analogia, ela desvenda a irredutibilidade e o absoluto do ser.

A descoberta dos diamantes corresponde a uma radical mudança em Angelino: um antes, definível em termos de solidão, angústia e opressão; um depois, marcado pela segurança, alegria e liberdade:

"Angelino via as coisas mudadas. Não olhava a vida de baixo, arrastando arreatas sem porcos na ponta. Era de cima que encarava tudo, notando uma flição nova através da liberdade e da riqueza conquistadas. Enchia-se de bondade e ternura. E até mesmo o cabo-da-guarda que o prendera, já grisalho, como animal tordilho, com o pianço sufocante, sem força de largar o catre, teve o seu auxílio, que abençoou: homem assim não poderia ser infeliz, porque se vingara dos outros estendendo a mão cheia e generosa" (p. 197).

Agora, rico, a ponto de poder arrematar em leilão a fazenda hipotecada do ex-patrão e em dia com a justiça, pois o mandato de prisão prescrevera com o passar dos anos, Angelino retorna à fazenda para transformar um estado de caos em cosmos. Este ato exemplar de consagração torna-se o arquétipo de todo gesto criador humano, pois lá onde o homem toma terra opera-se uma criação do mundo pelo enraizamento das estruturas do sagrado.

Do exposto, pode-se perceber que a nível do mito ideo-



lógico, Vida salobra mostra que o forte sobrepuja o fraco; mas a nível do mito original, o herói, irmanado com a natureza e possuidor de valores autênticos, torna-se o vencedor; e o anti-herói, por pertencer a um mundo em que a luta pela terra é movida pela cobiça, é derrotado.

A derrota do anti-herói provém, em primeiro lugar, da peste que exterminara o gado; em segundo, da seca, do fogo e da geada, como também da chuva excessiva que estragara a plantação. Desta forma, para o homem do nível ideológico, a natureza simboliza as forças incontrolláveis que o destroem.

Uma variação da lei do mais forte que orienta o mito ideológico, enfatizando mais ainda a tirania que impera nos desníveis classiais, é o patriarcado.

#### 2.1.2.4. O regime patriarcal

Na configuração do mito ideológico onde a denúncia social efetiva-se através de uma série de procedimentos, observa-se que o patriarcado é o sistema de organização familiar.

Assim, nos domínios rurais, a família organiza-se entre dois polos: sujeito e objeto. Como sujeito figura aquele que expressa o poder: o homem, e como objeto, figura a mulher.

Dos vários setores da sociedade brasileira colonial, foi sem dúvida nenhuma a esfera familiar a que mais resistiu às transformações sociais. E Vida salobra mostra com bastante nitidez que na vida doméstica, o homem exerce o pátrio poder e que poucos recursos há para aplacar a sua tirania.

A presença deste regime patriarcal atualiza-se na figu

ra de seu-Florêncio. Esta personagem, ao fazer um balanço de sua vida, constata que não possui o amor da esposa nem da filha em consequência de sua tirania:

"Tinha pena, às vezes, das violências cometidas no trato dado a Siã-Nenga, como se mulher e égua se pudessem escorraçar, depois de gastas na serventia" (p. 121).

Aliado a este regime, encontra-se a vigência dos falsos valores no que se refere à formação da família baseada no casamento de conveniência. E nesta direção, vários são os exemplos que atualizam esta denúncia. O primeiro deles, pode ser constatado através do pensamento de Siã-nenga:

"E os amores contrariados se repetiam, porque a virtude dos moços se media pelo tamanho das estâncias. Quando o amor se rebelava, nem assim vencida. Dava-se qualquer jeito, às vezes mesmo em esperas: E o pobre lá ficava, caído nas estradas desertas, com o chamusco de duas balas nos peitos..." (p. 101).

Também o casamento de seu-Florêncio segue esta linha, o que vem reafirmar mais uma vez a sua ambição:

"Seu-Florêncio nunca ouvira uma palavra de encorajamento. Não viera para a sua simpatia no anseio de amá-la com orgulho e paixão. Viera sem alma e sem afago, sem o beijo longo que entontece - e dá vertigem, mas com as unhas duras de quem cobiça terras e tropas, na gula de um dote" (p.18).

O exemplo mais expressivo da mulher objeto em Vida salobra refere-se ao casamento de Siã-Nenga. Se em seus planos agia como sujeito ao pensar que casaria com o homem que amava, torna-se objeto ao casar-se com o noivo escolhido por seu pai: seu-

-Florêncio.

"Mas o moreno só tinha olhos de desejo e de amor para siá-Nenga, que era um pêssego de tentação. Correu-o pai Zeca, todavia, à primeira chegada. Já do berço, a filha tinha destino. Era como criação de internada, de soborano, que leva a marca do dono sem escolher campo. Siá-Nenga foi desmerecendo na desesperança do seu calvário. Até casar com seu-Florêncio, redondo e chato como açucareiro de esmalte" (p. 17).

Com a doença de seu-Florêncio, o dono do poder afasta-se de Siá-Nenga muda de função: de mulher-objeto passa a mulher-sujeito na luta pela conservação da terra, quando ela tenta recuperar a fazenda hipotecada com o trabalho agrícola:

"Siá-Nenga virava macho. Reunia os camaradas e peões e bastava a madrugada abrir fresta nas alturas, botava-se para o eito, carpindo enquanto Dêga ficava preparando o de-comer e limpando a casa e o pátio, em polvadeira, sob os golpes rápidos do varredor" (p. 156).

Esta troca de função verificada em Siá-Nenga está vinculada às concepções míticas relativas à fecundidade espontânea da mulher e aos seus poderes mágico-religiosos, ocultos os quais exercem uma influência decisiva na vida das plantas. O estágio matriarcal exercido por Siá-Nenga está ligado à descoberta da agricultura pela mulher, pois foi ela a primeira a cultivar as plantas alimentares. E, em consequência disto, é a mulher quem se torna a proprietária do solo e das colheitas tendo como modelo cósmico a figura da Terra-Mãe.

Outro exemplo da figura de Seu-Florêncio como centro do poder familiar é quando ele escolhe marido para Dêga. Sua ambi-

ção não poupa nem a filha, pois com este contrato matrimonial visa aumentar seu patrimônio:

"Seu noivo já foi escolhido: o filho do compadre Manduca. Na minha gente, dos paulistas aos gaúchos, não se quebra uso: a experiência dos velhos é quem dá marido e mulher aos moços. Foi assim com seus avós e seus pais, gente do mesmo sinuelo. E será também com vancê" (p. 20).

"Dêga casaria com gente arranjada. E a sorte empurrá-lo-ia para a fartura e a riqueza" (p. 69).

"Cuidava aumentar posses com o casamento de Dêga. E agora resignar-se-ia, muito feliz, se o noivo pudesse acudir a tapar os rombos das dívidas. Pior é que até mesmo o genro em perspectiva estava raso, sem meios de pôr estaca, na coberta que desabava à cabeça" (p. 121).

Acontece que Dêga não se submete às exigências do pai. Ela é apresentada pelo Autor como um ser puro que vive em contato íntimo com a natureza. Sua integridade faz com que lute pelo amor verdadeiro:

"E havia a moça, com resistência de burro empacador, querendo morrer moída a porrete, antes que casar com homem de encomenda" (p. 121).

E com isto, Dêga assume função de sujeito. Esta função reafirma-se com a presença de Angelino que volta para se casar com ela:

"Angelino apareceu:  
Sem uma palavra, abraçaram-se, e bocas unidas fundiram as duas almas na primeira e muda afirmação de amor" (p. 199).

Tanto Angelino como Dêga participam do universo, mítico caracterizado pela primitividade original, e isto os habilita a dar início a um mito de gênero fundação, e sendo o mito divino da cosmogonia o modelo exemplar da união humana, há, por este motivo, a sacralização da origem através das palavras de siã-Nenga:

"... louvem a Deus para sempre,  
amém..." (p. 199).

E deste modo; a família será construída com bases no amor, e não mais no dinheiro ou no poder. E o romance termina com um novo começar: o eterno retorno, onde se verifica o homem se afirmando em consequência de seu próprio trabalho.

Assim, o gesto de fundação de Angelino assume foros de exemplaridade e torna-se susceptível de renovação e imitação.

Este seu gesto, ao instaurar a família, torna-o fundante de uma nova realidade, torna-o responsável por outro mito que inicia agora o seu curso. E, Angelino, ao instalar um tempo presente valorativamente bom, remete-se às origens, recua até o passado remoto em busca de uma explicação última para a existência do homem no mundo. Nesta medida, a fundação perde sua particularidade e universaliza-se projetando sua significação para o futuro.

E este fato identifica-se significativamente com o período histórico que o romance registra: é a decadência do patriarcado e a ascensão do proletariado. Nesta direção, pode-se enfocá-lo o romance sob a oposição temporal de passado/presente, onde é no presente e talvez em um promissor futuro que o Autor procura colocar toda a sua esperança.

Assim, Vida salobra é o documento de uma mudança, e este documento é transformado em mito através da linguagem.

NOTAS DO CAPÍTULO II

- (1) LAFETÁ, João Luiz. Estética e Ideologia: O Modernismo de 1970. In: Revista Argumento. Rio de Janeiro, Ed. Terra e Paz, 1973, nº 1. p. 27.
- (2) GOLDMANN, Lucien. A Sociologia do romance. Rio de Janeiro, Ed. Terra e Paz, 1976. p. 116.
- (3) TOMACHEVSKI, B. Thématique. In: Théorie de la littérature . Textes des Formalistes réunis, présents et traduits par Tzvetan Todorov. Paris, Seuil, 1965. p. 30.
- (4) GENETTE, Gérard. Verossímil e motivação. In: Literatura e Semilogia. Petrópolis, Vozes, 1972. p. 9.
- (5) Adota-se aqui a definição que Mircea Eliade oferece em seu livro O sagrado e o profano, De acordo com este fenomenólogo Imago Mundi significa o "centro", o "verdadeiro mundo". Trata-se de um cosmos perfeito. p. 55.
- (6) Hierofania, segundo Mircea Eliade, é o ato da manifestação do sagrado. p. 25.
- (7) Axis Mundi, ainda segundo Mircea Eliade, é uma coluna cósmica que liga e ao mesmo tempo sustenta o Céu e a Terra. Tal coluna só pode situar-se no próprio centro do Universo, porque a totalidade do mundo habitável estende-se à volta dela. p. 50.

## CAPÍTULO III

A LINGUAGEM

De acordo com a concepção mítica, a linguagem surge como uma totalidade viva e significativa ligada a uma concepção geral do mundo. Isto quer dizer que, a partir de uma maneira de ser, de ver e de sentir, inaugura-se um modo de falar e de dizer.

Do mesmo modo, o escritor vai colocar em seu trabalho a linguagem resultante de uma opção segundo o seu universo pessoal dentro de determinada perspectiva. A escolha da linguagem deve trazer o estigma da individualidade de seu autor na medida em que o universo que ele cria é representação de um mundo individual, feita segundo um modo individual.

É dentro deste quadro que se emoldura a linguagem de Tito Carvalho; a linguagem, centrada sob uma perspectiva metafórica, procura mostrar que o seu emprego, mais do que uma imposição de cunho estético, é a indicação de uma atitude do escritor diante do mundo.

A linguagem figurada tem merecido atenção desde a Antiguidade, quando os gregos procuraram sistematizá-la, classificá-la segundo sua natureza, e, sobretudo, sua finalidade ornamental no discurso.

A retórica francesa dos séculos clássicos está representada, principalmente, por Fontanier. Sob o nome de Figures du discours, Fontanier reuniu suas obras e dividiu as figuras de retórica em tropos e não tropos:

Os tropos são:

"... as figuras do discurso que consistem no sentido figurado das palavras, isto é, num sentido mais ou menos afastado e diferente de seu sentido próprio e literal" (1).

E os não tropos:

"... todas as figuras que não consistem dentro desta espécie de sentido" (2).

Atualmente, a distinção das figuras de linguagem seguem outro caminho, principalmente, a partir de Roman Jakobson, o qual faz uma distinção fundamental entre os dois eixos da linguagem, um de semelhança, outro de contiguidade. No mesmo estudo, Essais de linguistique general, Jakobson considera a contiguidade como uma relação externa e a semelhança como uma relação interna.

É a partir daí que Michel Le Guern vai propor uma teoria das figuras.

Baseado, assim, na teoria de Jakobson, Le Guern diz que "o mecanismo da metáfora explica-se ao nível da comunicação lógica, pela supressão, ou mais exatamente pela colocação entre parênteses de uma parte dos semas (3) constitutivos do lexema (4) empregado" (5). Ou melhor considerando, poder-se-ia dizer, ainda segundo Le Guern, que a metáfora constitui um desvio linguístico e, por este motivo, vai aparecer como estranha à isotopia (6) do texto onde está inserida.

Em seu estudo, Le Guern considera também como possibilidade metafórica o símile ou comparação metafórica, pois esta figura como a metáfora "faz intervir uma representação mental estranha ao objetivo da informação que motiva o enunciado, isto



é, uma imagem" (7).

Le Guern, ao distinguir a simples comparação da comparação metafórica, afirma que a primeira faz intervir um mecanismo de apreciação quantitativa, ao passo que a segunda exprime um julgamento qualitativo. E acrescenta que a simples comparação não é uma imagem, pois permanece na isotopia do contexto, enquanto que a comparação metafórica constitui um desvio muito sensível em relação à isotopia. Afirma, ainda, Le Guern, que apesar do símile ter em comum com a metáfora a inclusão de uma imagem em seu mecanismo, esta imagem não possui a mesma força estabelecida pela metáfora. E conclui:

"Podemos verificar a diferença dos efeitos produzidos dizendo que a semelhança se dirige à imaginação por intermédio do intelecto, enquanto a metáfora visa a sensibilidade por intermédio da imaginação" (8).

Por esta afirmação classifica-se o símile como uma figura de pensamento, como já o fazia Hênio Tavares em seu livro Teoria literária.

A respeito desta figura, Oswaldino Marques, em seu livro Teoria da metáfora & Renascença da poesia americana, apoiando-se principalmente em Hedwig Konrad, considera o símile o correlacionamento feito entre dois objetos situados em níveis de referência diferentes. Assim, na frase: "Os cabelos flutuando como franjas de seda", (p. 30) o termo comparante engloba o comparado num total significativo e cria-se uma imagem. Esta imagem é uma impressão muito rápida, mas é nela que repousa a força expressiva do símile.

Estudar o valor do símile em uma obra é demarcar o domínio semântico predominante e sintetizar as diretrizes do seu

intercâmbio.

Em Vida salobra, são quatro as diretrizes principais - a transfiguração, a humanização, a zoomorfização da natureza e a desumanização do homem. Através do símile, Tito Carvalho estrutura um cosmos onde há uma permuta de valores: animais, vegetais e coisas são humanizados, enquanto que as pessoas são zoomorfizadas e até coisificadas.

Esta permuta de valores onde as funções podem ser indistintamente atribuídas a entes diversos está profundamente coesa com a unidade proposta pelo mito. De acordo com o mito, há uma unidade profunda que envolve as coisas porque solidárias em sua origem.

Assim, os povos, nos momentos iniciais e arcaicos de sua história, viam sempre o mundo e todas as demais realidades numa visão de conjunto, constituindo uma totalidade. Portanto, a realidade mítica é sempre cósmica, porque todas as coisas propostas constituem um cosmos.

### 3.1. A Transfiguração da Natureza

No romance de Tito Carvalho, percebe-se uma interpenetração de elementos, onde os símiles ilustram várias manchas impressionistas de paisagem. Estes símiles podem ser classificados segundo a sua vinculação semântica dentro do mundo vegetal, mineral ou mesmo se ligarem a fenômenos e aspectos diversos da natureza.

a)- em relação ao reino vegetal:

"Do outro lado, agindo mais no cedo, penosamente regada a baldes, a plantação de Moisés deitava pendões verdes entrecruzando-se as folhas espatuladas como baionetas em sarilho" (p. 76).

"Em baixo, a floresta encrespava as frondes, como um pelêgo meirinho colorido" (p. 91).

"Dos barrancos pendiam raízes rebentadas no desmoronamento, como se a terra levasse talhos de expor as vísceras secas" (p. 91).

"Samambaias se derramavam do alto, compridas e arqueadas, como cascatas verdes" (p. 92).

b)- em relação ao reino mineral:

"As ramificações se estendiam oblíquas, para a baixada, o dorso denteado de sáurio, truncando-se, torcendo-se, entremeado de cones escalvados, como gigantescas carapuças" (p. 49).

"... e como fita em debrum, contra o horizonte baixo, praias alvejando em curvas, lavadas do mar tranqüilo" (p. 50).

"Os ribeirões que refrescavam à sombra, escorriam ferventes como lavas, sitiados, vencidos nas cabeceiras. E pouco a pouco, braços fantásticos se erguiam, em fulvas pinceladas, entre os troncos de larga frente, a brindo o punho no ar, longe a longe, como longos dedos vermelhos furiosamente sacudidos" (p. 78).

"Depois, no rumo do sul, taparam-se horizontes, sob as cortinas largas da chuva, que veio crescendo e avançando, densa como cerração e branca como mortalha, envolvendo tudo" (p. 159).

"E rios apareciam, engrossando, escorrendo, a se torcerem como parafusos, fuzilando chispas de diamantes que lhe crivavam o dorso como ver rugas a cintilarem" (p. 183).

c)- em relação a fenômenos e aspectos diversos da natu

reza:

"Relâmpagos curtos e breves como soluços, sarjavam a barra do nascente" (p. 45).

"O azul ficara mais sombrio e ardente como tijela esmaltada de borco..." (p. 76).

"E à noite, lá vinha a lua, subindo do respaldo da cordilheira, redonda e alva como coalho" (p. 76).

Nota-se, através destes exemplos, que os elementos dos reinos vegetal, mineral e de outros aspectos da natureza foram comparados com elementos pertencentes a outro nível de referência, mas sempre ilustrando de uma forma ou de outra o ambiente rural.

No livro, nota-se ainda, a presença de um outro grupo de símiles onde as mais variadas coisas são comparadas com elementos da natureza, mas sempre sugerindo paisagem da vida rural:

"Podem ornear. Mas valentia de macho amolece o coração das raparigas e deita estima no dos homens. É como fogo nos geadoes do inverno, que amarra o branco e deixa o negro sem-vergonha" (p. 23).

"Do armário de pinho caiado, entre margaridas de papel esmaecido, sob a sujicidade do mosqueiro que vinha dos varais do churrasco, a Senhora das Dores abria os olhos de perdão' e dava alento a sofredores, com o coração varado de espadas, vermelhando no peito sob a túnica de crepe encardido, como um sol poente de queimadas" (p. 38).

"Ganhavam a ramada, pitando - um fu minho bom vale um assado gordo - seguros de que a ameaça de perderem a querência se desmanchara, como trovoadão furado" (p. 157).

"Não via interesse, pois o partido era um só, que outro aparecia como redemoinho pela rua, desaparecendo' em adesão, na volta à poeira da estrada" (p. 172).

Todos estes símiles fazem uma descrição do ambiente em geral e evocam, um painel visual de cor. A existência desta descrição de exterior caracteriza, principalmente, a primeira fase do regionalismo literário, e é motivada pela ambiguidade arte-documento, pois o texto se vê dividido entre a intenção artística e a referencial.

### 3.2. A Humanização da Natureza

Ao lado dos símiles que descrevem o ambiente, numa alternância dos elementos do mundo vegetal, mineral e mesmo outros, conforme os exemplos já vistos, encontra-se o símile que atribui à natureza um comportamento dinâmico, próprio dos seres vivos. Este tipo de símile interioriza o cósmico tornando-o igual ao homem. Constitui-se, este recurso estilístico, num modo de expressar os aspectos da natureza pela semelhança com o humano através da impressão neles causada pelo estado de espírito das pessoas que projetam no objeto este estado. Esta humanização efetua-se em todos os reinos:

a) em relação ao reino vegetal:

"Pinheiros ralos como enluvavam os dedos das grimpas em pelica branca, ou se ornavam de algodão em rama, simulando árvores de Natal" (p.107).

"Os pessegueiros abanavam os galhos como em prazenteira saudação" (p. 199).

"Da sua janela, via a calha golfando água, os pessegueiros balançando mansamente os ramos, como num esforço fatigado e numa serenidade resignada" (p. 198).

b)- em relação ao reino mineral:

"Era como uma despedida da terra e dos seres, a primeira a passá-lo do lombo para o ventre vasto e fecundo, cheio de humores e mistérios..." (p. 118).

c)- em relação ao reino animal:

"Nos galhos próximos, como em lamento, outras aves assobiavam o "tempo triste" e o "cavalo cansou" (p.116).

"Até as vacas pressentiam a tragédia, redobrando em lambidelas aos terneirinhos, como se despedindo, e mugindo mais demoradamente, como em choro de saudade antecipada..." (p. 198).

"... reses imergindo o focinho na grama alta, como se chupassem o úbre da terra, ou caminhando, lentas e tranquilas, para o mato ralo, ao acoito das sombras" (p. 100).

"... o galo queimado sacudia as asas, como batendo palmas, cocoricando a maravilha da tarde iluminada" (p. 18).

"Já outro galo erguia a crista e estufava o peito, saudando o lusco-fusco d'alva, as asas batendo palmas, como chamando ou festejando o sol" (p. 151).

Porém, mais importante que esta transposição dos três reinos, é a personificação das coisas inanimadas. Observe-se o.

seguinte exemplo:

"... as botas velhas cambaias; rotas nos canos, pareciam, recobertas de lama, rir com ironia, puxando-o à realidade..." (p. 140).

Através de todos estes exemplos, pode-se observar, por estas atitudes humanizantes que o Autor empresta aos elementos, a presença do homem, utilizando os seguintes verbos: simular, abanar, balançar, despedir-se, assobiar, chorar, bater palmas, chamar, festejar e rir. A intenção do romancista neste caso é evidente: natureza, animais, coisas e homens, no romance, se igualam como elementos dinâmicos e vivem em comunhão e harmonia absoluta. Esta atitude visa ainda, através de um suporte mítico, perpetuar um universo referencial através de seus elementos naturais. E, assim, não somente a natureza é humanizada, mas, também, o homem é paisagizado.

### 3.3. A Zoomorfização da Natureza

Ao lado dos símiles humanizantes, verificam-se, no romance, símiles zoomórficos. Também aqui há uma transmutação que se percebe em quase todos os reinos: animal, mineral, da natureza e dos objetos. Esta interpenetração dos elementos com base na zoomorfização está perfeitamente articulada com a teoria do mito, pois a percepção mítica está sempre impregnada de qualidades emocionais. Por este motivo, não se pode falar de coisas ou objetos com matéria sem vida e indiferente. E assim também é em Vida salobra: a zoomorfização efetua-se em todos os níveis:

#### a) O mundo das coisas

"A sorte, como os cavalos, também pe lincha, ou troca de couro que nem cobra" (p. 15).

"Invenção macota, os parágrafos! Pareciam tropilha de bestas, encordoadas atrás da égua madrinha do artigo, nos carreiros difíceis, sentando o casco seguro, sem tresmalhar, submissas aos retinidos do cincerro... Melhor comparando, eram como tetos de leiteira manteúda, sem colostro no úbere, esquichando apoio grosso, à ordenha dos delegados..." (p. 23).

"Na Praça, uma quadra adiante, nem tanto, estava a Igreja -- paredes grossas de pedra-ferro e a cobertura de taboinhas enegrecida da neve e dos temporais -- acachopada e escura, como tatu-mulita" (p. 82).

"Seu-Joca Sales opinou que estavam, na certa, calculando os prejuízos. Sempre acontecia assim com a papela-da nas repartições, onde os documentos, como corruíras, tomavam demorados banhos de poeira" (p. 85).

"Major Salustriano, espevitando o cigarro pardacento como gafanhoto, com a unha chinesa do polegar, queria uma revolução" (p. 86).

"... o que estava atrás do seu nome era o Governo, era o Desterro, com a boa vida dos políticos, enquanto o Município, grudado nas costas do Rio Grande, caminhara para trás, como siri do Itapirubá, sem pitada de auxílio para a sua desgraça" (p. 165).

"A vila ficava no alto, sobre morros, com as casas muito branquinhas, como cabritas trepadas em penhascos" (p. 141).

b) Os elementos da natureza:

"Sucediam-se os morros a perder de vista, como enormes e repousados cupins" (p. 9).

"A noite vinha pousando rápida, como ave gigantesca a estender asas escuras e macias sobre chapadas e cochilhões" (p. 15).



"... a tropilha de estrelas, que aumentava, pondo-se em piscadelas doídas, como um bandão de vagalumes cravados a alfinete no forro do mundo..." (p. 76).

c) O mundo mineral:

"Sucediam-se os morros a perder de vista, como enormes e repousados cupins" (p. 9).

"A primeira volta, outras se seguiam, como prateleiras cavadas nos flancos da montanha. Desenrolavam-se zigzagueando, a modos de cobra enorme..." (p. 49).

"E mais a terra de plantio, que é como vaca manteúda: dá o que se espera" (p. 73).

d) O mundo animal:

"Dos lados, quero-queros, como cães do campo, entraram a fazer bulha, em alarme, à aproximação da tropa" (p. 48).

"Pela noite a dentro, gatos do mato vinham até o beicho da clareira, com os olhos luzindo, como vagalumes enormes" (p. 117).

"A fera não perdia um momento, olhos fitos neles, como cobra fascinando sapo" (p. 179).

"Tropas se metiam pelo Rio do Rastro, ou viajavam na direção de Bela-Aliança. Eram como fieira de formigas, pondo em sobressalto a cargueirama que subia, tendo aos lados o flanco da montanha e os taimbês escuros e profundos" (p. 188).

Através de todos estes exemplos, nota-se que o Autor faz comparações com animais regionais e assim vai fixando pecu -

liaridades da geografia local.

E esta paisagem viva e animada resultante de uma mistura de exotismo e nacionalismo liberal insere a obra de Tito Carvalho no regionalismo literário de origem romântica.

### 3.4. A Desumanização do Homem

Formando com a paisagem um único quadro, encontra-se em Vida salobra o homem zoomorfizado, vegetalizado e coisificado. A idéia de uma aproximação homem-natureza, como se os dois fossem feitos de uma mesma substância, mas diversificados apenas na forma assumida, é acentuada pelo fato do Autor, ao descrever uma personagem, valer-se frequentemente de imagens de plantas, animais e coisas.

Na obra, a linguagem reafirma o modelo de duplicidade verificado no nível mítico, pois a posição herói/anti-herói manifesta-se não só como elemento estrutural da narração, mas presentifica-se também no plano da linguagem, através do símile. Neste sentido, o Autor apresenta no desenrolar do livro, uma sucessão de símiles que simbolizam a situação de tensão e seqüência dos acontecimentos na obra.

De um modo geral, considera-se as personagens que possuem uma relação de equilíbrio entre as qualidades físicas e morais do herói, como eminentemente telúricas, muito embora a ligação com a natureza e seus segredos nem sempre venha diretamente tematizada.

Os símiles do homem com os animais, principalmente com o boi e com o cavalo, comprovam a integração do herói no cosmos. Os exemplos seguintes contatam tal afirmação, no que diz respeito à Angelino:

"Viera do seu campo, sem cálculo do passado novo, enterrado, num pé de Serra, como bicho alçado, sem distância para encher os olhos" (p. 97).

"Diante da força gorda e pesada de seu-Florêncio, alçando o relho para humilhá-lo com rebencaços, como a pi longo baldoso, de empinar boleando -se, valera-se da arma do fraco, que é ligeireza, temperada com astúcia" (p. 97).

"Não haviam de chasquear os companheiros, do peão decidido, que não virava a chorar, como sapo mijando a brabeza pelos olhos, mas defendendo-se para não ficar, como couro de picanha, com a marca do tala nas carnes, manchando-lhe a vida de pobre quase enfeitado" (p. 97).

Angelino, o herói por excelência, é apresentado pelo Autor como bom e valente, mas feroz quando provocado ou traído. E no exemplo que segue, sua caracterização é elevada, também, a dimensões cósmicas:

"E, como num relâmpago, minguiu de estatura. Ficou apetiçado, miudinho, misturando-se com a grama no chão, como caninana em ataque de veado. A perna estendida raspou a terra do pato, fazendo poeira, numa chicotada rápida, com rabo-de-arraia" (p. 12).

Mas é na descrição da mulher que o telurismo em imagem manifesta-se com mais intensidade. Dêga, a namorada de Angelino, é a imagem da pureza e da inocência. Ela é a personificação da mulher - terra - lar:

"A ligação dos dois, como em colhera, desde crianças -- pequenas, não daria senão bem-querer. Nunca haviam pressentido que se tornaram gente grande: Angelino a deitar corpo, como bagual três quartos e Dêga como potranca nervosa, na faceirice da lindeza" (p.27).

"E desandou a rir. A princípio baixinho, como num arulho de rolinha" (p. 54).

"Dêga ia para o lavador, arear os trens. Aquele pressentimento, da vinda do domador, punha-lhe ainda um esquisito alvoroço no peito. Vinha -lhe vontade de gritar, de rir doidamente, de correr campo fora, de pular como cabrita ou terneira escaramuçando" (p. 154).

"-- Qu'e que tu viu, menina? Tá como gato quando dá ataque, ou potranca timbrando temporal?" (p. 153).

Os símiles com árvores e outros elementos naturais são também usados para a caracterização de Dêga:

"Por pouco não se finava, os olhos minando água; como dois talhos em brocatinga" (p. 54).

"A pele clara parecia de louça, nas faces um colorido de maçã" (p. 15).

Os símiles caracterizadores de Siã-Nenga, além de evidenciarem a sua integração com o ambiente conotam sempre a vida árdua e triste que tem ao lado de Seu-Florêncio:

"Mas o moreno só tinha olhos de desejo e de amor para Siã-Nenga, que era um pêssego de tentação. Correu-o o pai-Zêca, todavia, à primeira chegada. Já do berço, a filha tinha destino. Era como criação de invernada, de sobreano, que leva a marca do dono sem escolher campo" (p. 17).

"Siã-Nenga teve um repuxo dos panos musculares, a jeito de animal picado de faca nas ancas" (p. 33).

Mas a frequência maior no que se refere à caracterização de Siã-Nenga é em relação a sua magreza, e neste sentido, há

os símiles, a nível de vegetal e mineral que repetem e recriam esta imagem:

"Dêga compreendia o redemoinho de idéias naquela pobre cabeça atordilhada. Por ela é que a mãe se sumia na pele flácida, que ia pregucando a cara, como caroço de pêssego" (p.52).

"Siá-Nenga não queria imaginar o fim daquele drama. Não adiantava inventar lances ou temer conseqüências. Deixava-se levar, água abaixo, boiando como folha seca, ou como tronco atirado à deriva" (p. 99).

"Rígida no desespero, imóvel na meia-treva, falando à Virgem com o pensamento, era ver um vulto de xaxim esgalhado em beijo de canhada, perdido na desolação do próprio insulamento" (p. 38).

"Siá-Nenga tinha os olhos pisados, num inchume de tumulto. Rodeando a boca murcha, as rugas eram como regos fundos em piso terroso" (p. 51).

É interessante notar os símiles que caracterizam Seu-Silvano. Este recurso estilístico além de tematizar o equilíbrio entre as suas qualidades físicas e morais, como advindas da união com a terra, revela a imagem do homem andarilho, sozinho e sem ligação:

"Seu-Silvano cantarolava, enganando as agulhadas das juntas, levantando e baixando a enxadinha, como goivo mordendo madeira" (p. 113).

"Não era de cordas macetas, nem espinha mole, para viver no descanso, a comer e dormir, que nem gado inverna do..." (p. 93).

Há, ainda, a nível da vegetalização, um símile que revela a solidificação entre personagem e meio ambiente -- Seu-Sil-

vano é paisagizado:

"Sob a moita de samambaias altas, en-  
terrado até os joelhos, dobrado a  
meio, seu-Silvano parecia um tronco a  
murchar, raízes apodrecendo no fundo"  
(p. 114).

Através de todos estes exemplos, onde há a evocação de elementos naturais, representativos no seu conjunto, do planalto catarinense, atesta-se a completa inserção do homem em seu ambiente regional.

Os exemplos evidenciam os atributos que definem o herói, porque ainda está o homem em íntima ligação com a terra-mãe. Por este motivo, o homem é geralmente representado valente e honrado, e a mulher simples e ingênua.

Por sua ruptura afetiva com o telúrico, o anti-herói, também representado através de símiles zoomórficos, é caracterizado com valor nitidamente depreciativo, chegando muitas vezes esta caracterização ao cômico, quando não é apresentado como covarde, sem brio, desleal e traidor. Uma série de citações aqui se impõem para que se tenha idéia da recorrência do clichê:

Políticos:

"Nem na adversidade se uniam. Afundavam como a mulher do Piolho, batendo os polegares acima da correnteza, sem tento numa trégua para se escorarem contra a tormenta, ou como a porcada no inverno, pelanca junto a pelanca, para fazerem quentura uns aos outros" (p. 66)

Governo:

"Governo p'ra nós, é como lesma em

formigueiro: safa-se largando escuma, em que ficamos presos..." (p. 103).

Advogados:

"Podia bem comprar a sua liberdade, que os doutores em porta de cadeia são como formigas de asas em lamparina: em chusma" (p. 94).

Comadre Fausta:

"Comadre Fausta ia contando as novidades entre chupões ao apito reaceso, fumaçando pelas ventas como vaca no inverno" (p. 36).

Mingote:

"Mingote pinchou-se nela, que nem veadeiro em carne frescal" (p. 95).

Seu-Padilha e Major Salustriano:

"Aos ímpetos envinagrados de um, (seu-Padilha) sobrepunha-se a serenidade medida do outro (Major). Superficialmente diferentes, tornavam-se subjetivamente idênticos, como animais do mesmo pelo, caranchos do mesmo ofício, bodes da mesma barbicha" (p.67).

Padilha:

"... mais esperto que graxaim de touceira" (p. 66).

"as orelhas acabanadas davam-lhe aparência de boi mocho" (p. 26).

Major:

"O Major não aparecera. Estaria, com certeza, como graxaim dentro das toigas do vassoural, espiando sem ser visto" (p. 130).

Padre Heriberto:

"... grudara-se a seu-Cazuza que nem carrapato..." (p. 28).

Seu-João Tomé:

"As pontas do bigode caim-lhe aos cantos da boca, como asas mortas de tié" (p. 21).

"Era aí, com o discurso bulhento e cortante que o delinquente, de cabeça caída, estonteado com palavras incompreensíveis, parecia arrancado do gênero humano e convertido em animal feroz, espécime duma fauna repelente, capaz de derrubar a bala quantos homens encontrasse" (p. 74).

Joca Sales:

"Seu-Joca Sales estava de cuia cheia. Além da cadeira, desjuntado, como chibarro morto, esparramando-se no assoalho, num gemido longo" (p. 137).

Capitão Mariante:

"Aquilo enxerga política até dormindo... Fareja as manobras no alto, como bagual adivinha tempestade, deitando a galopear pelo campo..." (p. 134).

Cabo:

"É até mesmo o cabo-da-guarda que o prendera, já grisalho, como animal tordilho, com o pianço sufocante, sem força de largar o catre, teve o seu auxílio" (p. 197).

Capataz Laurindo:

" - Viu assombração, o gafeirento! -



concluiu o capataz, num risinho tossido, que era como ganiço de gra-xaim!" (p. 10).

Estas imagens insistentes sobre as personagens do quadro do anti-herói aparecem várias vezes no romance e contribuem para realçar a utilização da linguagem como modelo da duplicidade existente no nível do mito.

Através da linguagem, a denúncia do mito ideológico torna-se ainda mais radical, no momento em que se observa a caracterização de Seu-Florêncio:

"A pobre repugnava, antes, ter nas costilhares as banhas do marido, sob as cobertas, roncando como boi na derrubada da marcação" (p. 51).

"E o fazendeiro nada poderia dizer ou fazer, naquela mania de andar perseguindo coisas invisíveis ao redor da casa, como potro atrás de égua fugidia" (p. 152).

"... a girar o dia todo a roda da casa, como boi no engenho, sem cotuções d'aguilhada" (p. 155).

"... naquela sina de rodear sem descanso, como cachorro a querer pegar o próprio rabo" (p. 191).

Ao caracterizar Seu-Florêncio, o Autor chega a reduzi-lo a coisa. Observe-se que num mesmo período estão representados o mundo animal e o mundo do objeto:

"E grudava no sono, pela madrugada, de cigarro no canto dos beiços, roncando de assobio, que nem chaleira a ferver depois de se virar e revirar, como cavalo a coçar-se, esfregando o lombo na poeira do chão" (p. 99).

No rol da coisificação de Seu-Florêncio, situam-se os

seguintes símiles:

"O patrão parou de piscar, fincando nele dois olhos de trado, furando; ou a sondar, como dois ganchos, em fisga de mentira" (p. 10).

"Siã-Nenga foi desmerecendo na desesperança do seu calvário. Até casar com seu-Florêncio, redondo e chato como açucareiro de esmalte" (p. 17).

"Serviam cafezinho meio chucro ao enviado da justiça, que depois desandava caminho, seguro de que o fazendeiro, como barril furado de brocas, estava a esvaziar-se de juízo" (p.122).

O Autor vale-se, também, dos elementos da natureza para caracterizar o protótipo dos anti-heróis; mas sempre com conotação negativa:

"Seu-Florêncio riu, divertido, barriga aos pulinhos. Uma gargalhada longa, irritante, que nem madeira golpeada a machado, quando cai, rachando" (p. 33).

"Como pau ferido nas raízes mirrava rapidamente na casca mole, flácida, multiplicando pregueados" (p. 121).

"As sobrancelhas franzidas, como duas tarjas fincadas no cavalete do nariz, anunciavam tempestade" (p. 54).

Expressivos e significativos para a caracterização de Seu-Florêncio, são os símiles seguintes:

"... seu-Florêncio - grosso e retaco, de cabeça pelada como traseiro de criança..." (p. 9).

"Tremendo, como nervo de carne morta, a limpar a bosta seca da bombacha, a cara e a calva avermelhando de ódio,..." (p. 12).

Estes exemplos todos mostram que o símile, em Vida salobra é o fruto da intuição criadora do artista, marcando com originalidade a sua individualidade expressional. Sendo o símile uma forma intensificadora de linguagem pela sua própria natureza de caracterização materializadora, na obra de Tito Carvalho, ele transforma-se num dos elementos mais importantes.

Assim, tendendo a ser um reforço, uma redundância informativa com qualidades estéticas para a fixação direta ou indireta de caracteres, os símiles estruturam-se como formulações racionalizadas da imagem, utilizando-se das construções sintáticas: que nem - a jeito de - era ver - mais que - dar-lhe aparência - simular e parecer, mas havendo uma construção imagética mais frequente que se utiliza do como e suas variantes: como um - é como - são como - era como e como em, além de se observar que há alguns que, revestindo a relação dos termos de um matiz hipotético reforça mais ainda a racionalização em construções como se.

Conjugando tudo isto, há um vocabulário específico, presente em quase todos os símiles, com uma ou outra variação, os quais demonstram o aproveitamento do elemento regional no léxico por parte do Autor: pelêgo - tijela - coalho - maçã - pêssego - xaxim - bracatinga.

Mas a expressividade maior do Autor encontra-se no símile zoomórfico, o qual vem enfatizar a oposição fundamental, já observada a nível mítico, entre herói/anti-herói. Embora Tito Carvalho use com mais frequência as palavras boi - cavalo - bagual e cabrita e suas variantes como segundo elemento da comparação, há uma nítida diferença no tratamento dos símiles caracterizadores do herói e do anti-herói, pois enquanto usa símiles que engrandecem o herói romântico, satiriza o anti-herói através da

caracterização depreciativa o que por si só provoca o riso.

Outra comparação que vem enfatizar a oposição herói/anti-herói é quando o Autor ao caracterizar Seu-Florêncio emprega termos tais como: chaleira - trado - ganchos - açucareiro - barril e traseiro os quais designam uma realidade corriqueira e inferior.

Por tudo isto, percebe-se que Tito Carvalho vale-se do ambiente típico da região, com suas plantas, animais e objetos, como fonte da imagem para mostrar o homem vivendo em estrita relação com o ambiente. E esta sua preocupação em documentar o planalto serrano classifica-o como autor regionalista.

Sua preocupação documental e o tom irônico que se percebe em sua obra são perfeitamente compatíveis, pois tem a finalidade de desmascarar a falsa austeridade, derrotar pelo riso a respeitabilidade aparente através da qual o homem costuma dissimular o seu verdadeiro caráter. E esta atitude satírica do Autor vale por uma tomada de posição diante da realidade que se coaduna com a revolução operada no Brasil a partir de 1922, mas que se efetiva nos anos 30.

Desta maneira, a linguagem, através do símile, vem denunciar o desequilíbrio nas relações entre os que dominam e os que são dominados.

Assim, a linguagem em Vida salobra "remete às origens, cria um mundo, estabelece um universo de significações; desprende-se da concepção mítica, como de uma mãe-terra comum" (9).

NOTAS DO CAPÍTULO III

- (1) FONTANIER, Pierre. Les figures du discours. Flammarion, Paris, 1968. p. 273.
- (2) Idem, p. 273.
- (3) Define-se como sema a unidade mínima de sentido.
- (4) Usa-se, aqui, a definição de Greimas que foi adotada por Le Guern: O lexema é o local de manifestação e de encontro de semas frequentemente de categorias e de sistemas sêmicos diferentes e estabelecendo entre eles relações hierárquicas, quer dizer, paratáticas.
- (5) LE GUERN, Michel. Semântica da metáfora e da metonímia. Tradução de Graciete Vicela, Porto, Telos, 1973. p. 35.
- (6) Define-se, segundo Greimas, como a homogeneidade semântica de um enunciado ou de uma parte do enunciado.
- (7) LE GUERN, Michel. Semântica da metáfora e da metonímia. Tradução de Graciete Vicela, Porto, Telos, 1973. p. 85.
- (8) Idem, p. 90.
- (9) CASSIRER, Ernest. Linguagem e mito. São Paulo, Perspectiva, 1972. p. 83.

## CONCLUSÃO

O primeiro aspecto a se destacar na conclusão de um estudo desta natureza é o da posição do Autor dentro das circunstâncias de seu tempo e da importância de seu papel como individualidade literária num contexto historicamente definido.

Pelo estudo feito, pode-se concluir que há um engajamento intelectual de Tito Carvalho com o momento histórico em que viveu. Realmente, sua obra pode ser situada na segunda fase do modernismo, na década de 1930, quando a ficção produzida no Brasil foi quase sempre romance social, muito embora, este tipo de romance, ao atravessar uma fase de renovação, tenha-se mantido fiel à longa tradição romântica e naturalista.

Tito Carvalho, como comprova Vida salobra, foi herdeiro da revolução ideológica deflagrada pelo modernismo a partir de 1922 e, por isto, empreendeu o reconhecimento do espaço social brasileiro através da documentação, da incorporação de tipos característicos, da aceitação da fala regional e da denúncia perante a velha ordem colonial e patriarcal, com o objetivo de incorporar a literatura brasileira à realidade nacional e ao momento universal.

O fato de Tito Carvalho incorporar à sua obra o debate em torno da crise social onde o poder tradicional está sendo colocado em xeque, através da problemática - campo contra cidade, passado contra presente - vincula seu romance à linhagem literária de Bangüê de José Lins do Rego, de Jubiabá de Jorge Amado, ou, ainda, de São Bernardo de Graciliano Ramos.

O segundo aspecto relevante é a validade do documentário porque implica uma correspondência social ao testemunhar

uma região em um tempo. O documentário em Vida salobra vem estabelecido através do conjunto - o homem e o cenário - em uma circulação geográfica definida - a região serrana. E este interesse do romancista em revelar com o máximo de sinceridade o homem regional, apoiado principalmente no descritivo paisagístico, prolonga as exigências formuladas pela escola realista.

Outro aspecto que se faz notar é a influência estética romântica, presente no desenvolvimento da trama amorosa. Embora Vida salobra seja uma obra comprometida com a denúncia social, possui um final feliz - o peão, agora rico, casa-se com a filha do ex-patrão - onde se verifica a persistência do romantismo em plena fase do modernismo.

Finalmente, o último aspecto prende-se ao sentido e significação da obra do escritor. Duas fontes principais latejam na obra, formando seu universo semântico - o mito e a consciência social.

Tito Carvalho, seguindo a tradição temática regionalista, denuncia a atuação simultânea das forças telúricas e das instituições humanas para o esmagamento do homem e para tornar mais evidente o desnível entre as classes.

Em Vida salobra, através da luta exemplar entre o Bem e o Mal, observa-se a sobrevivência literária dos grandes temas e atitudes míticas no que diz respeito ao rito iniciatório e à figura do herói-redentor no combate contra os "monstros". E, neste caso, configura-se Angelino como herói, simbolizando o Bem em oposição a Seu-Florêncio, representando "o monstro" e, por este motivo, o Mal.

E aqui se manifesta mais um aspecto da literatura em sua dimensão mítica - e por isto, poder-se-ia afirmar que, no fun

do, a posição de Angelino reflete uma nostalgia dos tempos modelares, pois, ao querer encontrar sua origem, recupera o tempo mítico no qual o mundo e os seres vieram à existência e não eram ainda contaminados pela consciência do pecado.

Esta procura do tempo mítico, símbolo de um tempo e de um homem ideal, revela-se na obra de Tito Carvalho, também no plano lingüístico, através do símile.

A linguagem, em sua obra, instaura o mito da terra. E, neste sentido, há os homens que a valorizam como verdadeiro manancial da vida e fonte da qual tiram a sua energia e, por este motivo, saem vencedores. Mas existem os homens que, ao romperem os laços afetivos com a terra, vêm nela apenas a fonte de riqueza e poder e, por esta razão, são derrotados.

Ainda no plano lingüístico, verifica-se que a linguagem, através do símile, reafirma a oposição herói/anti-herói. Deste modo, enquanto o Autor enaltece o herói-romântico, mostrando que sujeito e natureza identificam-se e formam um todo, satiriza o anti-herói, através da caracterização depreciativa, o que por si só provoca o riso.

Desta mesma forma, o romance que narra este mito permanece como modelo de exemplaridade e como tentativa de regeneração ao propor a volta a um tempo passado, onde estaria o começo de tudo e encontrar-se-ia o homem vivendo em perfeita comunhão com a natureza e os animais.

Assim o Autor, ao propor esta perenização de um tempo passado, subtrai o livro da matriz regional para transformar seu significado em universal quando enfoca a ruptura do homem com a natureza, numa sociedade preocupada mais com o dinheiro, mais com os valores culturais.



Por tudo isto, Vida salobra deve ser considerada como expressão da literatura brasileira, de caráter regional e, ao mesmo tempo, universal.

BIBLIOGRAFIA

- ADERALDO CASTELLO, José. José Lins do Rego: modernismo e regionalismo. S. Paulo, Edart, 1961. p. 27/67.
- AMORA, Antonio Soares. História da literatura brasileira. S. Paulo, Saraiva, 1965. p. 83/129.
- BARTHES, Roland et alii. Análise estrutural da narrativa. Petrópolis, Vozes, 1973.
- \_\_\_\_\_. et alii. Literatura e semiologia. Petrópolis, Vozes, 1972.
- \_\_\_\_\_. et alii. Atualidade do mito. São Paulo, Livraria Duas Cidades, 1977.
- \_\_\_\_\_. et alii. O texto, a leitura. Rio de Janeiro, Edições Tempo Brasileiro, n° 41, 1975.
- BACHERLAD, Gaston. La terre et les rêveries de la volonté. Paris, Librairie José Corti, 1948.
- \_\_\_\_\_. A poética do espaço. Rio de Janeiro, Livraria Eldorado Tijuca Ltda.
- BLOOMFIELD, Leonard. Language. London, George Allen Unwind Ltd, 1950. p. 24.
- BOSI, Alfredo. A literatura brasileira. V, São Paulo, Cultrix, 3<sup>a</sup> Edição.
- BREMOND, Claud et alii. Literatura e semiologia. Petrópolis, Vozes, 1972.
- CABRAL, Oswaldo Rodrigues et alii. Povo e tradição em Santa Catarina. Florianópolis, Edeme, 1971.
- CAMARA JÚNIOR, Joaquim Mattoso. Contribuição à estilística portuguesa. 3<sup>a</sup> edição, rev. Rio de Janeiro, Ao Livro Técnico, 1977.
- CALVINO, Italo et alii. Atualidade do mito. São Paulo, Livraria Duas Cidades, 1977.
- CALDAS, Aulete. Dicionário contemporâneo da língua portuguesa. 2<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro, Editora Delta S.A., 1964.

- CAMPOS, Custódio F. de. Falares catarinenses. Separata do Boletim Trimestral da Comissão Catarinense de Folclores, nº 11, Florianópolis, março de 1957.
- CARVALHO, Tito. Vida salobra. Florianópolis, Livraria Acadêmica, 1963.
- \_\_\_\_\_. Discurso proferido na Academia Catarinense de Letras, na sessão de 15 de fevereiro de 1924. (Recepção do acadêmico Sr. Tito Carvalho). In: Boletim da Academia Catarinense de Letras, Livraria Moderna, Florianópolis, 1924.
- CASAI MONTEIRO, Adolfo. "O realismo e a nossa época". In: O Romance. Rio de Janeiro, José Olympio, 1963. p. 3/52.
- CASTRO, Silvio. "As recorrências do regionalismo", e "O Romance regionalista no modernismo". In: A revolução da palavra. Petrópolis, Vozes, 1976. p. 49/54 e p. 131/143.
- COUTINHO, Afrânio (ed). "O Regionalismo na prosa de ficção". In: A literatura no Brasil. III, Rio de Janeiro, Editorial Sul-Americana, 1969.
- CANDIDO, Antonio. Literatura e sociedade. São Paulo, cia. Editora Nacional, 1976.
- \_\_\_\_\_. Literatura e subdesenvolvimento. In: Argumento 1, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1973.
- CASSIRER, Ernest. O mito do estado. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1976.
- \_\_\_\_\_. Linguagem e mito. São Paulo, Perspectiva, 1972.
- CASTRO, Walter. Metáforas machadianas: estruturas e funções. Rio de Janeiro, Ao Livro Técnico, Brasília, INL, 1977.
- COHEN, Jean. Estrutura da linguagem poética. São Paulo, Ed. da Universidade de São Paulo, 1974.
- \_\_\_\_\_. et alii. Pesquisas de retórica. Petrópolis, Vozes, 1975.
- CORREA, Romanguera et alii. Vocabulário sul-rio-grandense. Porto Alegre, Globo, 1964.
- CORREA, Nereu. Tito Carvalho e sua linhagem estilística. In: Mensário de divulgação cultura e arte. Ilha. Florianópolis, Ano I, 1966, nº 10.

- CRIPPA, Adolfo. Mito e cultura. São Paulo, Convívio, 1975.
- DACANAL, José Hildebrando. Dependência, cultura e literatura. São Paulo, Ática, 1978.
- \_\_\_\_\_. Nova narrativa épica no Brasil. Porto Alegre, INL, Sulina, 1973.
- DICK, Hilário Henrique. A cosmovisão do romance nordestino moderno. Livraria Sulina Editora. Porto Alegre, 1970.
- DUBOIS, J. et alii. Retórica geral. São Paulo, Cultrix, Ed. da Universidade de São Paulo, 1974.
- ELIADE, Mircea. Mito e realidade. São Paulo, Perspectiva, 1972.
- FILHO, Adonias. O romance brasileiro de 30. Bloch Editores S.A. Rio de Janeiro, 1969.
- FLORES, Altino. "O regionalismo em Santa Catarina". In: O Estado. Florianópolis, 14-08-49.
- FONTANIER, Pierre. Les figures du discours. Flammarion, Paris, 1968.
- FILHO, Barreiros. Discurso de saudação ao Sr. Tito Carvalho. In: Boletim da Academia Catarinense de Letras. Recepção do acadêmico Sr. Tito Carvalho. Livraria Moderna, Florianópolis, 1924.
- FREYRE, Gilberto. Região e tradição. Rio Gráfica Record, 1968.
- FRYE, Northrop. Anatomia da crítica. São Paulo, Cultrix, 1973.
- GAMA e MELO, Virgínius. "O romance nordestino de 1928 a 1961", In: Segundo Congresso Brasileiro de Crítica e História Literária. Assis, Fac. de Filosofia, 1963. p. 499/524.
- GOLDMANN, Lucien. A sociologia do romance. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1976.
- GUERN, Wilfred et alii. Abordagens críticas à literatura. Rio de Janeiro, Editora Lidador Ltda, 1972.
- GUSDORF, Georges. Mito y metafísica. Buenos Aires, Editorial Nova, 1960.
- JATOBÁ, Tania et alii. O texto, a leitura. Tempo Brasileiro, 41, Rio de Janeiro, Edições Tempo Brasileiro Ltda., 1975.

- JOZEF, Bella. O espaço reconquistado: linguagem e criação no romance hispano-americano contemporâneo. Petrópolis, Vozes, 1974.
- KRISTEVA, Julia. Semiótica do romance. Lisboa, Editora Arcádia, 1977.
- LAFETÁ, João Luiz. Estética e ideologia: o modernismo em 1930. Argumento, 2. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1973.
- LAGO, Paulo Fernando. Santa Catarina: dimensões e perspectivas. Florianópolis. UFSC, 1978.
- LAUSBERG, Heinrich. Elementos de retórica literária. Lisboa, Fundação calouste gulbenkian, 1967.
- LEFEBVE, Maurice-Jean. Estrutura do discurso da poesia e da narrativa. Coimbra, Livraria Almedina, 1975.
- LE GUERN, Michel. Semântica da metáfora e da metonímia. Tradução de Graciete Vicela. Porto, Telos, 1973.
- LEVI-STRAUSS, Claude. Totemismo hoje. Petrópolis, Vozes, 1975.
- LINS, Osman. Lima Barreto e o espaço romanesco. São Paulo, Ática, 1976.
- LIMA, Alceu Amoroso. O existencialismo e outros mitos do nosso tempo. Livraria Editora Agir, Rio de Janeiro, 1956.
- LUCAS, Fábio. O caráter social da literatura brasileira. São Paulo, Quíron, 1976.
- LUKÁCS, Georg. Teoria do romance. Lisboa, Editorial Presença, 1973.
- MARTINON, Jean-Pierre. Atualidade do mito. São Paulo, Duas Cidades, 1977.
- MARQUES, Oswaldino. Teoria da metáfora & Renascença da poesia americana. Livraria São José, Rio de Janeiro, 1956.
- MATTA, Roberto da. Arte e linguagem. Petrópolis, Vozes, 1973.
- MONTEIRO, João Paulo. Teoria, retórica, ideologia. Ensaios 17, São Paulo, Ática, 1975.
- PEREIRA, Lúcia Miguel. Prosa de ficção: de 1870 a 1920. 3ª ed. Rio de Janeiro, J. Olympio, Brasília, INL, 1973.

- PORTELA, Eduardo. Fundamento da investigação literária. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1974.
- POZENATO, José Clemente. O regional e o universal na literatura gaúcha. Porto Alegre, IEL, Movimento, 1974.
- PRETI, Dino. Sociolinguística: os níveis da fala, um estudo sociolinguístico do diálogo na literatura brasileira. São Paulo, Editora Nacional, 1974.
- RAMOS, Maria Luiza. Fenomenologia da obra literária. Rio de Janeiro, Companhia Editora Forense, 1972.
- RIFFATERRE, Michael. Estilística estrutural. São Paulo, Cultrix, 1973.
- ROCHA, Tadeu. Modernismo e regionalismo. Maceió, Imprensa Oficial do Estado, 1964.
- SACHET, Celestino. As transformações estético-culturais dos anos 20 em Santa Catarina. Florianópolis, UDESC. EDEME, 1974.
- \_\_\_\_\_. O regionalismo literário. Tese submetida à Universidade Federal de Santa Catarina para obtenção do Grau de Mestre, 1976.
- \_\_\_\_\_. A literatura de Santa Catarina. Editora Lunardeli. Florianópolis, 1979.
- SANTOS, Silvio Coelho dos. Povo e tradição em Santa Catarina. Florianópolis, EDEME, 1971.
- SANT'ANA, Affonso Romano de. Análise estrutural de romances brasileiros. Petrópolis, Vozes, 1971.
- SOARES, Iaponan. Panorama do conto catarinense. 2ª ed. Porto Alegre, Editora Movimento / Instituto Nacional do Livro, 1974.
- TAVARES, Hênio. Teoria literária. Editora Hatiaia Limitada, Belo Horizonte, 5ª edição, 1974.
- TURNER, Vitor W. O processo ritual: estrutura e anti-estrutura. Petrópolis, Vozes, 1974.
- VARELLA, Danila Carneiro da Cunha Luz. Edição crítica de Bulha D'Arroio. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1979.
- VERÍSSIMO, José. "Literatura regional". In: José Veríssimo, seleção e apresentação de João Alexandre Barbosa. Rio Edusp,

1978. p. 83 e seg.

WELLEK, René e WARREN, Austin. Teoria da literatura. Lisboa Publicações Europa - América, 1971.

WERNECK SODRÉ, Nelson. "O regionalismo". In: História da literatura brasileira. 1964, Civilização Brasileira, 1964. p. 403/428 e 522/538.

ZAGURY, Eliane. A palavra e os ecos. Editora Vozes Ltda. Rio de Janeiro, 1971.

A P Ê N D I C E



ADVERTÊNCIA

Na dúvida sobre se realmente são conhecidas certas palavras cujo significado é indispensável à boa compreensão do romance, tomou-se a resolução de organizar um glossário.

Tanto quanto possível, procurou-se apontar o uso de muitas palavras empregadas com a mesma significação em outros Estados.

Como este trabalho resultou da consulta em várias obras, entenda-se que a palavra que vier acompanhada com o nome de Tito Carvalho significa que o termo não figura em nenhum dos dicionários e vocabulários citados na bibliografia, mas somente no glossário fornecido pelo Autor ao pé das páginas do romance.

ABREVIATURAS

1. Adjetivo	Adj.
2. Adjetivo de dois gêneros	Adj. 2 g.
3. Bahia	BA
4. Brasileirismo	Bras.
5. Familiar	Fam.
6. Figura de redução	Fig. de red.
7. Figura Popular	Fig. Pop.
8. Gíria	Gir.
9. Locução adverbial	Loc. adv.
10. Locução comparativa	Loc. com.
11. Locução substantiva	Loc. subst.
12. Locução verbal	Loc. verb.
13. Linguagem familiar	Ling. fam.
14. Linguagem popular corrente	Ling. pop. cor.
15. Mato Grosso	M.T.
16. Minas Gerais	M.G.
17. Patologia	Patol.
18. Plural	pl.
19. Popular	pop.
20. Proveniência lusitana	Prov. lus.
21. Região Sul	Sul
22. Rio Grande do Sul	R.S.
23. Santa Catarina	S.C.
24. São Paulo	S.P.
25. Substantivo de dois gêneros	S. 2 g.
26. Substantivo feminino	S. f.
27. Substantivo masculino	S. m.

- |                               |          |
|-------------------------------|----------|
| 28. Verbo intransitivo        | V. int.  |
| 29. Verbo pronominal          | V. pron. |
| 30. Verbo transitivo direto   | V.t.d.   |
| 31. Verbo transitivo indireto | V.t.i.   |

Abanco

-, S. m. Parada súbita. (T. Carvalho)

Abichornado

-, Adj. Magoado, acabrunhado, macambúzio.

Aboio

-, S. m. (Bras.) Melopéia plangente e monótona com que os vaqueiros guiam as boiadas ou chamam os bois dispersos.

Abombar

-, V. int. Diz-se que o cavalo abombou, quando tendo feito grande viagem em dia de muito calor, fica em estado de não poder mais caminhar; mas, depois de refrescar pode continuar a marcha.

Abrir-o-pala

-, Loc. verb. Fugir. (T. Carvalho).

Abrir-o-tarro

-, Loc. verb. Berrar. (T. Carvalho).

Açodar

-, V. t. d. Apressar, acelerar, precipitar, incitar, instigar, ir ao encalço de, perseguir, acossar.

Achão

-, S. m. Tora. (T. Carvalho).

Açoite

-, S. m. (Bras.) lida, esforço, luta.

Acolherar

-, V. t. d. (Do castelhano acollarar). Unir, juntar por meio de colhera.

Açoroçoar

-, V. t. d. Acentar, excitar, animar, estimular, encorajar.

## Aforçurar-se

-, V. pron. (De ar + forçura + ar). Apressar-se, fazer força.

## Agravar

-, V. t. d. Ofender, magoar.

## Agregado

-, S. m. Pessoa pobre que em falta de campo próprio se estabelece em estância alheia, com licença do respectivo proprietário e mediante certas condições.

## Ajoujar

-, V. t. d. Prender com ajoujo; ligar moralmente; oprimir.

-, Ling. pop. Unir um boi ao outro pelos chifres.

## Alçado

-, Adj. (Do espanhol alzado. Acepção platina). Diz-se do gado ou animal que se torna selvagem por falta de cuidado de seu proprietário ou por ter fugido para o mato ou nele ter se extraviado.

## Alegrete

-, Adj. 2 g. e s. Estado de semi-embriaguês, com manifestações de alegria e contentamento.

## Aloite

-, S. m. (Bras.) lida, esforço, luta.

## Amargo

-, S. m. Chimarrão, chá de erva-mate sem açúcar.

## Amarrar-se

-, V. pron. Comprometer-se (por ligação amorosa); noivo, casado ou amigado.

Amojar

-, V. int. Aumentar (o úbre das fêmeas dos animais) nas vésperas do parto.

Andejar

-, V. int. Andar ao acaso.

Apã

-, S. f. (Bras.) Pã, espadeira.

Apeiro

-, S. m. (Lig. pop. cor.) Arreios.

Apetiçar

-, V. int. Apequenaar, reduzir. (T. Carvalho).

Apojar

-, V. int. Fazer o terneiro mamar a segunda vez para se poder tirar o apoio.

Apojo

-, S. m. (Bras.) o leite mais grosso e gorduroso que se obtém no final da ordenhação.

Arancuás (Araquã)

-, S. m. (Bras.) Ave galiforme da família dos cracídeos. Vive a maior parte do tempo nas árvores e alimenta-se principalmente de pequenos frutos e vegetais.

Aricunga

-, S. m. (Bras.) Cavaco sem serventia.

Arigonha

-, S. f. Rosca de polpa de pêssego. (T. Carvalho).

Arranca-rabo

-, S. m. Discussão, bate-boca, barulho, briga, conflito.

Arreata

-, S. f. Tira de couro com que se prende um animal cargueiro ao outro.

## Arreganhado

-, Adj. Cavalo cansado de queixo cerrado, ventas distendidas e coração batendo muito, em consequência de viagem forçada.

## Arvoado

-, Adj. Desnortado, tresloucado.

## Atilho

-, S. m. 1. Aquilo com que se ata ou amarra: fita, fio, corda, cordão. 2. Estopim. 3. Feixe de espigas de milho.

## Atossicar

-, V. t. d. (Bras. RS.) Instigar; dar maus conselhos.

## Avios de fogo

-, S. m. pl. (RS.) Conjunto de objetos indispensáveis para obter-se fogo + isqueiro, pederneira, etc.

## Bagual

-, S. m. Potro que ainda não sofreu galope; cavalo recentemente domado; emprega-se também como adjetivo no sentido de arisco, espantadiço, abrutalhado, aplicando-se ainda a pessoas, tanto no sentido pejorativo como elevado.

## Badana

-, S. f. (Bras. Sul) Pele macia e lavrada que se coloca sobre o coxinilho.

## Baderna

-, S. f. Tumulto, conflito, desordem.

## Baeta

-, S. f. Tecido felpudo de lã.

## Bafo de tigre

-, S. m. (Bras. Gir.) Hálito fétido, halitose.

## Bagana

-, S. f. (Bras.) Guimba, ponta restante do cigarro ou charuto após fumado.

## Baio

-, S. m. (Bras. RS.) Cigarro feito de fumo crioulo e palha de milho.

## Baitatã ou Boitatã

-, S. f. ou m. (pop.) Fogo fátuo.

## Banguê

-, S. m. Meio de transporte, consistindo em uma vara comprida que dois homens, um em cada extremidade, levam, apoiando-a sobre os ombros.

## Barba-de-velho

-, S. m. Parasita que vive em certas árvores, formando fios longos semelhantes aos da barba, donde lhe vem o nome.

## Barbicacho

-, S. m. Cordão entrançado que passa por sob o queixo, segurando o chapéu.

## Barriga-verde

-, S. m. e adj. 2 g. (Bras.) Alcunha que se aplica ao natural do estado de Santa Catarina.

-, S. m. Habitante do litoral. (T. Carvalho).

-, S. m. Ling. pop. Catarinense do litoral, opondo-se ao termo catarineta que se aplica ao homem catarinense do planalto.

## Bater-a-fivela

-, Loc. verb. Morrer. (T. Carvalho).



Bater-pedra

-, Loc. verb. Fechar negócio. (T. Carvalho).

Bebêquinho

-, S. m. Bebê, criança. (T. Carvalho).

Belbutina

-, S. f. Tecido pouco espesso de algodão aveludado.

Berrante

-, S. m. (Gir.) Revólver.

Bispar

-, V. t. d. Perceber, descobrir a intenção de outrém.

Bitruca

-, S. f. Aperitivo, aguardente com bítter. (T. Carvalho).

Boçal

-, S. m. Peça de arreamento que se põe na cabeça do cavalo e na qual se prende o cabresto; engano, logro.

Boçalete

-, S. m. Boçal aperfeiçoado.

Bócio

-, S. m. Hipertrofia da glândula tireóide; papo, papeira, estruma.

Bocó

-, Adj. Tolo, pateta, acriançado.

Bocozinho

-, S. m. Bolsa de couro, de feitio grosseiro.

Bofe

-, S. m. (Pop.) Pulmão; indivíduo feio, sem atrativos; couro.

Boi-corneta

-, S. m. Diz-se de boi que só tem um chifre, por ter sido quebrado o outro. Goza da fama de ser arengueiro,

inquietao.

Bolear-se

-, V. pron. Empinar-se, sacudindo-se. (T. Carvalho).

Bombear

-, V. int. e v. t. d. Espreitar, vigiar ou observar com ateno.

Borrachao

-, S. m. Chifre ou guampa convenientemente preparada para conduo de lquidos em viagens.

Borzeguim

-, S. m. Botina cujo cano e fechado com cordoes.

Bracatinga

-, S. f. (Bras. Sul) Arvore de pequeno porte, que cresce muito depressa, importante para a produo de lenha para carvao.

Brasino

-, Adj. (RS.) Cor de brasa, vermelha com algumas riscas pretas. Diz-se do gado e tambem dos caes.

Breve

-, Adj. 2 g. (Bras.) Escapulrio que contem uma orao.

Broca

-, S. f. (Bras.) Molestia que afeta o casco dos equlinos e asininos.

Bruaca

-, S. f. 1. Bolsa de couro com que se carregam os cargueiros para o transporte de mercadorias ou outros objetos. 2. (Fig.) Mulher sem pudor, desleixada, ordinaria.

Buenacho

-, Adj. (Bras.) 1. Muito bom; excelente. 2. Afavel, ama

vel. 3. Bondoso, generoso. 4. Também se diz buenaço.

Bugreiro

-, S. m. Caçador de índios.

Caborteiro

-, Adj. e s. m. (Bras.) Diz-se de, ou indivíduo velhaco, manhoso, mentiroso, que vive de expedientes.

Cachês

-, S. m. Cascas secas de pinheiro. (T. Carvalho).

Cachichola ou Cachicholo

-, S. f. e m. Casinhola ou aposento muito apertado; cochicho, chochichô, cachichola.

Caco

-, S. m. (Fam.) Cabeça, juízo, entendimento.

Cacunda

-, S. f. Corcunda.

Café-com-mistura

-, S. f. (Bras.) Café acompanhado de iguarias.

Cagaço

-, S. m. (Bras. Chulo) Medo, susto.

Caiapiã

-, S. m. (Bras.) Raiz medicinal.

Caipa

-, S. f. Azar, caiporismo. (T. Carvalho).

Caldeirão

-, S. m. (Bras. Sul.) Cavidade aberta nas estradas pelas enxurradas ou o pisar dos animais.

Calombo

-, S. m. e adj. Protuberância, inchaço, tumor em qualquer parte do corpo.

## Calundu

-, S. m. (do africano Kalundu). Aborrecimento, mau humor.

## Camargo

-, S. m. (Bras. SC.) Café camargo. Assim chamam no limite com Sta. Catarina ao café preparado com leite cru, quente da vaca.

## Cambar

-, V. int. Pender, inclinar-se.

## Cambicho

-, S. m. Paixão, apego. (T. Carvalho).

## Campear

-, V. t. d. e int. (Ling. Pop.) Procurar pelo campo pessoa, animal ou coisa.

## Cancha

-, S. f. Lugar onde se realizam corridas de cavalos.

## Canguara

-, S. f. Cachaça, aguardente, cana.

## Cargueiro

-, Adj. Que usa ou pode suportar canga.

## Canha

-, S. f. O mesmo que cachaça ou cana; estar na canha, estar embriagado.

## Canhada

-, S. f. (Bras.) Baixada entre colinas ou coxilhas.

## Caninana

-, S. f. Denominação de uma das maiores cobras do RS; porém, segundo se afirma, é inofensiva. É conhecida ainda por cobra papa-pinto, ou ainda parelheira.

## Capar

-, V. t. d. Capar na marca: castrar o animal na ocasião que é também marcado; capar de volta: castrar por inversão dos testículos. Em sentido figurado, inutilizar os planos de alguém, dar-lhe um cheque mate.

## Caracu

-, S. m. e adj. Os ossos ou um dos ossos da perna; significa também tutano ou medula dos ossos.

## Caracu-de-ponta

-, Loc. subst. m. Calcanhar, a-pé. (T. Carvalho).

## Carancho

-, S. m. 1. O mesmo que carã-carã, conhecida ave de rapina de nossos campos. 2. O que vai a festas e divertimentos sem ser convidado; o que carancheia serviços nas horas vagas.

## Carolo

-, S. m. Fécula grumosa da qual se faz goma para usos toscos; milho mal moído.

## Carpir

-, V. t. d. O mesmo que capinar, limpar as hortas e lavouras; qualquer serviço feito com a enxada.

## Carrasquento

-, Adj. Diz-se de um mato constituído de árvores ou arbustos de pouco valor; do mato espinhoso. Pessoa ou animal raquítico. Enfezado.

## Carucácas ou corucácas

-, S. f. pl. Aves pernaltas. (T. Carvalho).

## Chancho

-, S. m. O suíno, o porco.

## Chasque

-, S. m. Pessoa que leva recados. Mandar um chasque ou mandar um próprio, são termos que exprimem a mesma coisa.

## Chasquear

-, V. t. d. Fazer chasco; escarnecer; zombar.

## Chibarro

-, S. m. (Ling. Pop.) Bode não castrado; veado macho, na gíria do caçador.

## Chicanista

-, Adj. 2 g. e s. 2 g. Chicaneiro; que ou aquele que é dado a chicanas forenses; trapaceiro.

## Chilena

-, S. f. Espora grande, de haste virada para cima e grandes rosetas.

## Chimbé

-, Adj. Gado vacum que tem o focinho curto e achatado. Emprega-se também com relação a pessoas. Nariz chimbé, nariz achatado.

## China

-, S. f. Mulher do índio ou pessoa do sexo feminino da raça aborígine, ou que apresenta alguns dos caracteres étnicos das mulheres indígenas; mulher de vida airada.

## Chinedo

-, S. f. pl. Marafonas. (T. Carvalho).

## Chinoca

-, S. f. O mesmo que chininha; filha de china, caboclinha, china ainda menina.

## Choca

-, Adj. Diz-se da ave que está incubando.

## Chopim ou chupim

-, S. m. (Bras.) Ave de coloração preta, que frequenta os currais das fazendas, alimentando-se de toda sorte de sementes.

## Chorrilho

-, S. m. Diarréia. (T. Carvalho).

## Chucro ou xucro

-, Adj. Diz-se do animal bravo ou das pessoas abrutalhadas.

## Chulear

-, V. t. d. Torcer (na acepção esportiva). Examinar a carta do baralho, pouco a pouco, mantendo a esperança de formar o jogo desejado.

## Chuspa

-, S. f. Bolsinha feita com a pele do papo de avestruz, ou de outro couro, ou de pano, para guardar dinheiro, fumo e papel de cigarro, ou outras coisas.

## Cidreira

-, S. f. (Bras.) Arbustos de rebentos avermelhados, folhas aromáticas, com flores alvas, e que fornece madeira amarela, dura e compacta.

## Cincerro

-, S. m. (Bras.) Campainha grande pendente do pescoço da besta que serve de guia às outras.

## Cinchar

-, V. t. d. Apertar com a cincha.

Cincho

-, S. m. Aro em que se aperta a massa de queijo a fim de lhe dar forma e espremer o soro.

Cochonilhos

-, S. m. pl. Pelegos de lã grossa. (T. Carvalho).

Coivara

-, S. f. Roça queimada.

Cola

-, S. f. Rabo, cauda do animal.

Colhera

-, S. f. 1. Peça de couro ou de metal com que se prende pelo pescoço um animal a outro. 2. Diz-se do conjunto de dois animais presos, um ao outro, por meio de uma tira de couro atada ao pescoço.

Colostro

-, S. m. O primeiro líquido segregado pela glândula mamária depois do parto.

Cometa

-, S. m. (Bras.) Caixeiro viajante.

Compor

-, V. t. d. Pôr em ordem; arranjar, arrumar, ajeitar, endireitar.

Concho

-, Adj. (Bras. Sul) Empregado sob a forma mui concho: despreocupado, confiante.

Côngrua

-, S. f. Pensão que se concedia aos párocos para sua conveniente sustentação.



## Copinho

-, S. m. (Ling. Pop.) Caneca de louça ou de lata.

## Cordas macetas

-, Loc. subst. f. pl. Tendões rebentados. (T. Carvalho).

## Cordeona

-, S. f. (Bras.) Instrumento da família do acordeão, de caixa exágona e teclado de pequenos botões.

## Corneta

-, Adj. 2 g. (Bras.) Diz-se do animal *vacum* que tem falta de um dos chifres ou que possui um deles quebrado.

## Correição

-, S. m. Cio. (T. Carvalho).

## Corrieiro

-, S. m. Estafeta postal. (T. Carvalho).

## Costeio

-, S. m. Ato de sujeitar por algum tempo o gado no pastoreio. Emprega-se também no sentido de corrigir ou castigar alguém por qualquer falta.

## Cruzes

-, S. f. pl. A parte das cavalgadas onde se unem as espáduas.

## Cuitelo

-, S. m. e adj. Beija-flor.

## Curtefúgio

-, S. m. Esquivança. (T. Carvalho).

## Dar louvado

-, Loc. verb. Pedir a bênção. (T. Carvalho).

## Dar rapa-pelo

-, Loc. verb. Permitir, como vantagem, nas corridas,

que o jóquei adversário monte sem sela ou lombilho. (T. Carvalho).

De-comer

-, Loc. subst. m. Comida. (T. Carvalho).

Delíquio

-, S. f. (Patol.) Queda súbita da pressão arterial ou colapso circulatório, acompanhado de anemia cerebral e perda mais ou menos completo da consciência; síncope.

Desaguachar ou desaguaxar

-, V. t. d. (Bras. Sul) Fazer correr, por exercício (cavalos que passou muito tempo desocupado, tornando-se por isso gordo e/ou preguiçoso) para torná-lo ágil.

Desconto

-, S. m. Decadência ou perda física.

Descoroçoar

-, V. t. d. Tirar o ânimo ou a coragem a; perder a coragem, desanimar.

Desnocar

-, V. t. d. Destroncar. (T. Carvalho).

Disposto

-, Adj. Diz-se do indivíduo valente, brincalão, animado.

Dobrar

-, V. t. d. (Bras.) Gorgear, cantar (pássaro).

Dormir nas palhas

-, Loc. verb. Significa facilitar, não tomar cautela, descuidar-se, retardar uma providência.

Égua-madrinha

-, S. f. Dá-se essa denominação à égua que, com um cinferro no pescoço, guia um determinado número de cavalos,

obrigando estes a acompanhá-la.

Embira

-, S. f. (Bras.) Arbustos que produzem boa fibra na entrecasca; qualquer casca ou cipó usado para amarrar.

Em cima do laço

-, Loc. adv. Na hora precisa. (T. Carvalho).

Encontros

-, S. m. pl. O peito do cavalo.

Encorrigido

-, Adj. Encolhido, paralítico. (T. Carvalho).

Encoscorar

-, V. t. d. Tornar dura como o coscorão; encarquilhar, enrrugar, encrespar.

Encosto

-, S. m. Cercado improvisado nos pousos. (T. Carvalho).

Enfestar

-, V. int. Dançar muitas vezes com a mesma dama. (T. Carvalho).

Enfunchar

-, V. t. d. Aquietar-se, zangado. (T. Carvalho).

Engolideiras

-, S. f. pl. (Pop.) Gorgomilos, goelas.

Enrabichado

-, Adj. Diz-se da pessoa que anda sempre muito agarrada a outra.

Ensaieiros

-, Adj. e s. m. pl. Embusteiros, irrequietos. (T. Carvalho).

## Enticar

-, V. t. i. (Bras.) (Variação de inticar). Mexer com alguém por prevenção; implicar, provocar, aborrecer, importunar.

## Entrevero

-, S. m. (Bras. RS.) Mistura, desordem, confusão de pessoas, animais ou objetos.

## Enxofrado

-, Adj. (Fig. Pop.) Zangado, irritado, agastado; (Bras.) pálido, amarelado, empalamado.

## Enxúndia

-, S. f. Gordura do porco e das aves.

## Enzaricante

-, Adj. Irritante. (T. Carvalho).

## Enzaricar

-, V. t. i. Irritar-se. (T. Carvalho).

## Enzôinas

-, S. f. Disfarce, mentira. (T. Carvalho).

## Enzoineiro

-, Adj. Manhoso. (T. Carvalho).

## Esbrugar

-, V. t. d. Moer, esmagar aos pés. (T. Carvalho).

## Escabriado

-, Adj. Ressabiado, arrependido.

## Escacear ou escarcear

-, V. int. Atirar a cabeça para cima e logo em seguida baixá-la, curvando garbosamente o pescoço. Diz-se somente dos cavalos.

## Escanzelo

-, S. m. Estado de escanzelado; magreza extrema.

## Escaramuçar

-, V. int. (RS.) Levantar o cavalo na rédea, trazendo-o pronto para romper a carreira.

## Escarpim

-, S. m. Sapato de sola muito fina, que cobria apenas o peito do pé; peal.

## Escarafunchar

-, V. t. d. Esgaravatar; procurar; remexer.

## Escoteiritos

-, Adj. Sozinhos. (T. Carvalho).

## Esculca

-, S. m. Sentinela antiga; vigia ou guarda avançada.

## Esparros

-, S. m. pl. Bufos de cavalos. (T. Carvalho).

## Espera

-, S. f. Emboscada, cilada.

## Estrepe

-, S. m. 1. Espinho, abrolho; pua de madeira ou ferro; ponta aguda; cana de milho cortada obliquamente.

2. (Fig.) Dificuldade, embaraço, espinho. 3. (Fig.) Depizel. Pessoa incômoda, importuna, má. 4. (Bras. Gir.) Mulher muito feia.

## Fadário

-, S. m. Destino talhado por poder sobrenatural; vida difícil ou trabalhosa.

## Falquejar

-, V. t. d. Desbastar (um toro de madeira); esquadriar

a machado ou a enxô; acunhar.

Fanico

-, S. m. Síncope, desmaio.

Fazer cuca

-, Loc. verb. Provocar. (T. Carvalho).

Fazer prego

-, Loc. verb. Não dançar por falta de convite. (T. Carvalho).

Fazer termo

-, Loc. verb. Agonizar. (T. Carvalho).

Faxina

-, S. f. Lenha fina, erval, faxinal.

Fechos ou feixos

-, S. m. pl. Muro de pedras soltas que separa os campos. (T. Carvalho).

-, Feixo (Ling. pop. cor.) Tapume, cercas, taipas.

Fiador

-, S. m. A parte do buçal que, passando pela região jugular do cavalo, cinge o pescoço.

Fojo

-, S. m. Cova funda, cuja abertura se tapa ou disfarça com ramos a fim de que nela cai animais ferozes; Sorve douro de águas, de lama, etc.; lugar muito fundo num rio; caverna, gruta, furna. (Bras.) Armadilha para apanhar ratos ou caça miúda.

Fressura

-, S. f. O conjunto das vísceras mais grossas, como pulmões, fígado, coração de alguns animais.

## Gafieira

-, S. f. Doença da pele, que ataca os animais, interessando principalmente o focinho e o lombo. Por extensão se aplica às pessoas.

## Garraio

-, Adj. Ordinário, péssimo, coisa de má qualidade.

## Garralheira

-, S. m. Gado raquítico, ruim. (T. Carvalho).

## Garrão

-, S. m. (Bras.) (Do espanhol platino garrón). O jarrete do animal. Afrouxar o garrão é dobrar as pernas e cair.

## Garupa

-, S. f. A parte superior do corpo das cavalgadas que se estende do lombo aos quartos trazeiros.

## Gatafunho

-, S. f. Rabisco; garatuja.

## Gateado

-, Adj. Pêlo de animal cavalgar que se aproxima do amarelo desmaiado.

## Gauderar ou gauderiar

-, V. int. Viver errante, sem eira nem beira; vagabundo.

## Gaudério

-, Adj. Parasita, o que vive errante daqui para ali, sem destino certo. Cachorro gaudério, é o que não tem dono e vive em toda parte em busca de alimentação.

## Gavião

-, Adj. Arisco, matreiro. Diz-se do cavalo que corre muito pelos campos e só com muita dificuldade pode ser

apanhado.

Ginete

-, S. m. Bom cavaleiro; o que monta a cavalo com elegância e firmeza.

Ginjo ou ginja

-, S. m. ou f. Fruto da ginjeira: espécie de cereja de um vermelho mais escuro que o da comum, e de sabor agradável.

Gordo

-, Adj. Embriagado. (T. Carvalho).

Gorgomilos

-, S. m. pl. O princípio de esôfago; garganta, goela.

Grameira

-, S. m. Habitante de vila ou cidade. (T. Carvalho).

Graxaim

-, S. m. Pequeno quadrúpede que costuma roer as cordas de couro e comer aves domésticas, semelhantes ao cão. Também chamado guaraxaim ou zorro.

Grimpa

-, S. f. (Bras. Sul.) 1. Ramo do pinheiro. 2. Petulância. Abaixar a grimpa de alguém; desmoralizar, abater, tirar a cisma de alguém.

Guacho

-, Adj. e s. m. Gordo e pesado. (T. Carvalho).

Guampa

-, S. f. Corno, chifre do animal vacum. Sua ponta convenientemente preparada serve de copo para o camponês beber água ou qualquer outro líquido, em viagem.



## Guampada

-, S. f. (Bras. Sul.) O mesmo que chifrada, golpe dado pelo animal com as guampas.

## Guapêca ou guaipeca

-, S. m. Cachorro ordinário; cachorro de pernas curtas; pessoa sem importância.

## Guasca

-, S. f. (Bras. RS.) l. Tira de couro que tem inúmeras serventias nos trabalhos pastoris. (Fig.) O gaúcho rio-grandense, em suma.

## Guaxuma

-, S. f. (Bras.) Arbusto baixo, que dá nos potreiros e lugares anteriormente cultivados.

## Guenza

-, S. f. (Bras.) Que pende para um lado.

## Hissope

-, S. m. Aspersório. Instrumento de metal ou de madeira com que se asperge água benta.

## Hora do pega

-, Loc. adv. Hora grave. (T. Carvalho).

## Inhaca

-, S. f. (Bras. Pop.) Bodum; catinga; transpiração malcheirosa.

## Inhapa

-, S. f. (Do quichua yapa, através do espanhol platino yapa). Objeto dado de crecença ou de sobra, a mais. Gorgeta. O que se ganha além do esperado.

## Intimar

-, V. t. d. (Bras.) Insultar; desafiar; falar com arro-

gância.

Ir-aos-pês

-, Loc. verb. Defecar. (T. Carvalho).

Irapuá

-, S. m. Espécie de abelhas que preparam um mel verme - lho e desagradável, que também toma este nome.

Justar

-, V. t. d. e i. Contratar, conchavar-se para um determinado serviço.

Laboriação ou labor

-, S. m. Trabalho, faina.

Lado de laçar

-, Loc. s. m. O lado direito do cavalo e, por extensão, também o do vacum.

Lagartear

-, V. int. Aquecer-se ao sol em dia de inverno, como o lagarto.

Lamber esporas

-, Loc. verb. (RS.) Adular.

Lambisa

-, Adj. 2 g. Federalista. (T. Carvalho).

Lambote

-, Adj. Alemão. (T. Carvalho).

Lambujem

-, S. f. (Bras.) Vantagem que um jogador concede ao parceiro; lambuja.

Lançante

-, S. f. (Bras. MG, RS e MT.) Forte declive num cerro ou numa coxilha.

## Lasca

-, S. f. Espécie de jogo de azar.

## Lazarenta

-, Adj. (Fig.) Ruim, medonha. (T. Carvalho).

## Leicenço ou loucencio

-, (Ling. fam.) Tumor, furúnculo.

## Ligã

-, S. m. (Sul) Couro cru de boi, com o qual se cobrem as cargas transportadas por animais, a fim de pôr ao abrigo da chuva.

## Lixiguana ou lechiguana

-, S. f. Abelha silvestre. (T. Carvalho).

## Lombeira

-, S. f. (Bras. e prov. lus.) Preguiça, madorra.

## Lonanco ou lunanco

-, Adj. Diz-se do animal e, figuradamente, da pessoa, que tem depressão de uma das ancas, resultante da desarticulação do osso do quadril. Usa-se, também, em S. Paulo.

## Lonca

-, S. f. (Bras.) (Do espanhol platino lonja). Peça ou tira de couro despida de pêlo.

## Loro

-, S. m. Tira de couro cru ou sola, que prende o estribo ao travessão do lombilho ou do serigote.

## Lura

-, S. f. Qualquer buraco; cova.

## Macacorra

-, S. f. Ataque histérico. (T. Carvalho).

## Macaio

-, S. m. (Bras. BA, MG e SP.) Tabaco de mã qualidade.

## Macanudo

-, Adj. Coisa muito boa, forte, magnífica, de primeira, qualidade superior; excelente.

## Maceta

-, Adj. (RS.) Diz-se do cavalo doente das mãos ou com defeito nelas, isto é, que tem os machinhos (juntas inferiores) mais grossas do que é ordinário.

## Macota ou maconudo

-, Adj. 2 g. (Do quimbundo ma'kota, os maiores). Bom, superior, excelente. Superior em qualquer sentido.

## Madrinheiro

-, S. m. (Bras.) O rapaz que anda na água madrinha com o fim de regular o tempo da marcha da tropa ou tropilha.

## Mal enjambrado

-, Loc. adv. Mal acabado, desengonçado. (T. Carvalho).

## Malacara

-, Adj. e s. m. (RS.) Diz-se do cavalo que tem a testa branca com uma listra da mesma cor, desde o focinho até o alto da cabeça. (Excetua-se o cavalo de cor escura que, embora com o mesmo sinal, denomina-se picaço.

## Maloca

-, S. f. Bando de malfeitores, de gente de mã vida.

## Mamata ou mamote

-, S. f. (Bras.) Animal que ainda mama.

## Manancial ou Manantial

-, S. m. Paul, pântano, Tremendal.

## Mancebo

-, S. m. (Bras.) Pedaco de pau ao qual se pendura can -  
deias.

## Mandraca

-, S. f. (Bras.) O mesmo que feitiço, magia, bruxaria.

## Manear

-, V. t. d. Prender o animal com a maneia ou com qual-  
quer corda contanto que ele fique seguro.

## Maneia ou manea

-, S. f. Peia, peça de couro convenientemente preparada  
em forma de colhera (que é a corda ou guasca que prende  
dois animais um ao outro pelo pescoço) e com que se  
prende uma a outra as mãos do cavalo. Emprega-se também  
para atar-se terneiros e ovelhas.

## Mangueira

-, S. f. Curral grande para onde se pode manguear ani-  
mais mansos e bravos.

## Manojo

-, S. m. (Bras. RS.) Espécie de novelo que o traçador  
do laço faz com cada um dos tentos da trança, e que vai  
desenrolando-se à proporção que for necessário, por  
efeito duma laçada especial.

## Manotaço

-, S. m. (Bras. RS.) Pancada dada com a pata pelo cava-  
lo; coice.

## Manteúdo

-, Adj. Diz-se do animal que se mantém gordo, embora te  
nha ração reduzida.

Mãe-do-corpo

-, S. f. (Bras. pop.) Útero.

Maragatos

-, S. m. e adj. Nome ou apelido dos revolucionários de 1893, e depois aos membros do partido que dominou a situação política que dominava o Estado.

Maranduvã

-, S. m. Espécie de lagarta de cor verde ou vermelha e que aparece nas folhas das árvores e verduras.

Marca

-, S. f. Contradança. (T. Carvalho).

Martelo

-, S. m. (Bras.) Medida de capacidade para líquidos, equivalente a 0,165 L; o conteúdo dessa medida.

Mascar

-, V. t. d. Mascar o freio: movimento que faz o cavalo com o maxilar, como se estivesse mastigando o freio.

Mata

-, S. f. Chaga produzida no lombo do cavalo pelo lombinho.

Mata-bicho

-, S. m. Trago de cachaça.

Matambre

-, S. m. Uma carne magra que há na costela entre o couro e a carne.

Matear

-, V. int. (RS.) Tomar mate.

Matungo

-, S. m. Vulgarmente, cavalo muito velho sem préstimo

algum, ou que para pouco presta.

Meco

-, S. m. (Bras. SC.) Pala curta de lã grosseira.

Medir vasilhas

-, Loc. verb. Brigar. (T. Carvalho).

Meirinho

-, S. m. Merino, couro de carneiro, de lã crespa. (T. Carvalho).

-, Diz-se do gado que pelo verão pasta nas montanhas e pelo inverno na planície e, por extensão, diz-se da lã desse gado.

Mezinheiro

-, S. m. Aquele que faz ou aplica mezinhas; curandeiro.

Miche ou mixe

-, Adj. (RS.) Ruim, insignificante.

Micheza

-, S. f. Pobreza, miséria. (T. Carvalho).

Micuim

-, S. m. (Bras.) Denominação de um inseto parasita, de minúsculas dimensões, que em sua fase larval costuma atacar o homem e os animais, causando fortes comichões.

Minuano

-, S. m. Vento oeste frio e seco que costuma soprar com muita violência depois da chuva no inverno.

Mixórdia

-, S. f. Confusão, balbúrdia, coisas anarquicamente dispostas.

Mocho

-, Adj. Raça de vacum desprovidos de chifres, ou com os

mesmos atrofiados.

Mogangueira ou mogango

-, S. m. Espécie de abóbora.

Mona

-, S. m. (Pop.) Bebedeira.

Moquear

-, V. t. d. Sapecar a carne da caça a fim de conservá-la ou de tirar-lhe a catanga.

Moquete

-, S. m. Sopapo; tapa; soco.

Morenote

-, S. m. Mulato. (T. Carvalho).

Mosquear

-, V. int. Sacudir a cauda para afugentar as moscas.

Muchochinho

-, S. m. Pinhão que estoira ao fogo. (T. Carvalho).

Natureza

-, S. f. (Fig.) Virilidade. (T. Carvalho).

Negar os estribos

-, Loc. verb. Faltar, desobedecer, revoltar-se. (T. Carvalho).

Nisga

-, S. f. Peça diminuto. (T. Carvalho).

Novilha

-, S. f. Vaca nova, bezerra.

Obrigaçãõ

-, S. f. Família, os filhos



## Oitão

-, S. m. Cada uma das paredes laterais da casa, situadas nas linhas de divisa do lote.

## Olvidar-se

-, V. pron. Enganar-se. (T. Carvalho).

## Onça

-, S. f. Moeda antiga de ouro equivalente a CR\$ 32,00.

## Orópa

-, S. f. Colméia, cachopa. (T. Carvalho).

## Osco

-, Adj. Pêlo cor de pinhão.

## Ovaia

-, S. f. Fruta amarelada. (T. Carvalho).

## Oveiro

-, Adj. É o animal cavalgar que tem manchas diversas pelo corpo.

## Pala

-, S. m. Espécie de poncho mais leve e fino; enquanto o poncho cobre inteiramente os braços e mãos, o pala os deixa quase descobertos, com comodidade para usá-los.

## Palanque

-, S. m. Pau de dois metros de altura, fincado no curral ou no pátio, ao qual se prende o potro bravo para encilhá-lo.

-, Pau grosso e forte que é fincado no chão onde se ata o cavalo à soga ou onde se deixam os animais presos pelo cabresto ou pela rédea.

## Palanquear

-, V. t. d. Amarrar ou esticar no palanque. (T. Carvalho).

## Paleteada

-, Adj. O mesmo que arremetida.

## Paletear

-, V. t. d. (Bras. RS.) Fincar as esporas no cavalo ou bater na paleta do animal para ele andar mais ligeiro.

## Palheiro

-, S. m. (Bras.) Cigarro de palha; cigarro crioulo.

## Pampo

-, Adj. Com o couro cheio de manchas. (T. Carvalho).

## Panásios

-, S. m. Estirões de laço. (T. Carvalho).

## Pandorga

-, S. f. Papagaio de papel, pipa.

## Panzina

-, Adj. e s. f. Grávida. (T. Carvalho).

## Parar rodeio

-, Loc. verb. Expressão usada no sentido de reunir o gado num determinado lugar do campo.

## Parês-que

-, Loc. comp. O mesmo que "parece que". (T. Carvalho).

## Passante

-, S. m. Viajante, de passagem. (T. Carvalho).

## Passarinheira

-, Adj. Espantadiço. Diz-se do cavalo que, montado e em viagem, se espanta de qualquer coisa.

## Pau de amarrar égua

-, Loc. subst. Diz-se da estaca em que se prende o animal para cobertura. (T. Carvalho).

## Pechada

-, S. f. (Bras.) Encontrão entre duas pessoas a pé, ou de uma pessoa contra qualquer coisa.

## Peanha

-, S. f. Pequeno pedestal sobre a qual se assenta imagem, cruz, busto, estátua, etc.

## Pealar

-, V. t. d. Atirar o laço para derrubar o animal quando este sai correndo.

## Pegar rabicho ou cambicho

-, Loc. verb. Apaixonar-se. (T. Carvalho).

## Peitoral ou peiteira

-, S. m. e f. Peça dos arreios que cinge o peito do cavalo.

## Pelear ou peleiar

-, V. int. (Bras. SC e RS.) Entrar em luta corporal ou a mão armada, com alguém; brigar, combater, disputar.

## Pelego

-, S. m. Pele de ovelha ou de carneiro usada sobre o lombilho.

## Pelichar

-, V. int. Queda periódica do pêlo. (T. Carvalho).

## Penico

-, S. m. (Pop.) Urinol.

## Periquita

-, S. f. Cédula de 500 mil réis. (T. Carvalho).

## Pêro

-, S. m. Certa maçã doce a oblonga.

## Pessuelo

-, S. m. Bolsa de lona e couro, que se carrega na parte traseira do lombilho. (T. Carvalho).

## Petição

-, S. m. (Do esp. plat. petiso). Cavallo de pequena altura que não chegou a se desenvolver. Emprega-se também em relação à pessoa que, sem ser anã, é contudo pequena, baixa.

## Pianço

-, S. m. (Bras.) Som produzido pela respiração difícil dum enfermo; o mesmo que pieira.

## Picanha

-, S. f. (Bras. RS.) Parte lateral da região lombar da rês.

## Picar

-, V. int. Fazer lance. (T. Carvalho).

## Pila

-, S. m. (Bras. Pop.) Dinheiro, gaita, grana, mil-réis.

## Pilungo

-, S. m. Cavallo ruim, sem préstimo, inútil, matungo.

## Pingo

-, S. m. (RS.) Nome com que se designa um bom cavallo.

## Pinguancha

-, S. f. Moça rapariga. (T. Carvalho).

## Pinicão

-, S. m. Beliscão. (T. Carvalho).

## Pintada

-, S. f. Onça. (T. Carvalho).

## Piquete

-, S. m. Pequeno pedaço de campo cercado, para encerrar animais perto da casa; potreiro.

## Piúca

-, S. m. Fumo bom em corda. (T. Carvalho).

## Pixurum ou pichurum

-, S. Auxílio mútuo entre vizinhos por ocasião da derubada de matas e outros grandes serviços nas roças.

## Poncha

-, S. m. Agasalho de pano grosso cortado de maneira arredondada e com pequena abertura no centro, por onde se enfia o pescoço. É coberta tradicional do gaúcho no inverno bem como a sua defesa contra a chuva.

## Porto

-, S. f. Porto Alegre. (T. Carvalho).

## Posteiro

-, S. m. Empregado de uma estância que, morando geralmente nos limites ou divisas da mesma, ajuda nos rodeios e cuida do gado e das cêrcas.

## Potra

-, S. f. Felicidade, sorte, boa estrela nos negócios, principalmente no jogo.

## Próprio

-, S. m. Pessoa especialmente encarregada de levar cartas ou notícias para qualquer parte.

## Puxo

-, S. m. Contratura por irritação.

## Quadra

-, S. f. A extensão de 60 braças (132 metros).

## Quebra

-, S. m. (RS.) Valentão, bravio, atrevido.

## Quebrar a cola

-, Loc. verb. Tirar valentia, teima ou orgulho. (T. Carvalho).

## Quefazeres

-, S. m. pl. Ocupações, faina, negócios; afazeres.

## Queimada

-, S. f. (Bras.) Aguardente fervida com açúcar e gengibre.

## Queixuda

-, Adj. Teimosa, persistente. (T. Carvalho).

## Quengo

-, S. m. (Bras. Pop.) Cabeça.

## Querência

-, S. f. Lugar onde nasceu e se criou um animal. Lugar onde se acostumou a viver um animal. Aplicado às pessoas quando se quer referir ao seu lugar de nascimento ou moradia.

## Quirera

-, S. f. Farelos. (T. Carvalho).

## Rabisteco

-, S. m. (Fam.) Nãdegas.

## Rabo de tatu

-, S. m. Rebenque feito unicamente de couro trançado, não tendo cabo de madeira ou de ferro.

## Ramada

-, S. f. Espécie de caramanchão, coberto de ramos verdes ou de capim, à frente dos ranchos, dos galpões, dos

boliches, para resguardo de pessoas e animais contra os raios do sol.

#### Raspadeira

-, S. f. Instrumento com que se penteia o pêlo dos animais. (T. Carvalho).

#### Recoluta

-, S. f. Uma partida do homem a cavalo que anda à procura de gado extraviado.

#### Redomão

-, Adj. e s. m. Diz-se de, ou cavalo recém domado, que ainda não está bem manso.

#### Refle

-, S. m. O mesmo que rifle. (T. Carvalho).

#### Reminada

-, Adj. Zangada, enfesada. (T. Carvalho).

#### Repecho

-, S. m. Palavra castelhana. Pequena subida.

#### Retaco

-, Adj. Homem baixo mas bem entroncado e forte.

#### Retalhado

-, Adj. e s. m. Diz-se de, ou cavalo inteiro que, em consequência de uma operação, fica impossibilitado de fecundar as éguas, servindo apenas para trazê-las reunidas e despertar-lhes o cio, o que facilita o trabalho do reprodutor.

#### Retovo

-, S. m. (Bras. RS.) Couro de bezerro ou de potrinho morto, com que se cobre outro animal para que a mãe do que morreu aceite amamentá-lo.

Revirado

-, S. m. Comida para viagem. (T. Carvalho).

Riconvência

-, S. m. Recado, convite. (T. Carvalho).

Ridicar

-, V. t. d. Negar por usura. (T. Carvalho).

Riscadinho

-, S. m. Tecido de algodão. (T. Carvalho).

Rócio

-, S. m. Terreno para fazer roça. (T. Carvalho).

Rosilho

-, Adj. Pêlo do animal cavalgar em que aparecem cabelos brancos misturados com os de outras cores.

Rustir

-, V. t. d. Roçar, estragar, desgastar. (T. Carvalho).

Sapecada

-, S. f. Borracho de pinhões. (T. Carvalho).

Sedinho

-, S. m. Cabelo da crina e da cola dos animais.

Serigote

-, S. m. (RS.) Lombilho mais curto que o lombilho ordinário.

Sestear

-, V. int. Merendar, lanchar. (T. Carvalho).

Sinuelo

-, S. m. (Do cast. Señuelo). Certo número de gado manso que serve para se juntar a ele as reses que vão sendo tiradas do rodeio e conduzir-se com facilidade à mangueira ou ao ponto que se deseja.



## "Sobre"

-, S. m. (Fig. de red.). Eufêmica, de sobreou.

## Sobrecincha

-, S. f. Uma das peças dos arreios feita de uma tira de couro com uma fivela, que serve para apertar os pelegos.

## Socado

-, S. m. Lombilho dos domadores, feito de couro cru e com a cabeça mais alta que os de passeio ou de serviço.

## Sofrenar

-, V. t. d. (Do esp. plat. sofrenar). Sofrear o cavalo, puxar-lhe as rédeas para parar ou recuar.

## Soga

-, S. f. Corda ou pedaço de laço com que prendem os ani mais para pastarem seguros.

## Somítico

-, Adj. e s. m. Avaro, usurário.

## Soquete

-, S. m. Cozido acompanhado com pirão.

## Sovela

-, S. f. Instrumento de ferro ou de aço, em forma de haste cortante e pontuda, que os sapateiros e correeiros usam para furar o couro a fim de coser.

## Sumanta

-, S. f. Surra, sova, sapeca.

## Taimbé ou timbé

-, S. m. Despenhadeiro, furna, grotta, precipício, itaim bé.

## Taipa

-, S. f. (Ling. pop. cor.) Muro de pedras soltas e so-

brepostas.

Tala

-, S. m. Couro de ponta do chicote ou da rédea. (T. Carvalho).

Tambeira

-, S. f. Novilha mansa ou filha de vaca mansa.

Tança

-, Adj. Apatetada. (T. Carvalho).

Tararaca

-, Adj. Diz-se de uma pessoa desajeitada, tonta, embaraçada, míope, que anda as apalpadelas.

Tateto

-, S. m. Uma variedade de porco selvagem, mas domesticável. Não tem a ferocidade da outra variedade existente, o queixada.

Tatu-mulita

-, S. m. A espécie mais comum do RS. É de pequeno tamanho e de carne saborosa. O nome mulita advém de certa semelhança que, em ponto pequeno, tem com a mula.

Teatino

-, Adj. É o animal cujo dono não se conhece.

Tedêum

-, S. m. Briga, confusão. (T. Carvalho).

Tenência

-, S. f. Cuidado, precaução, perseverança.

Tento

-, S. m. Fios de couro cru.

Terneira

-, S. f. (Bras. RS.) A cria da vaca até um ano de idade.

Tesoura

-, S. f. Triçar de coruja. (T. Carvalho).

Testavilhar

-, V. t. i. Tropeçar, escorregar, cair.

Tiagem

-, S. f. Nuvem nos olhos, neblina. (T. Carvalho).

Tibéria

-, S. f. Mulher, amante. (T. Carvalho).

Tié

-, S. m. (Bras.) (Do tupi ti'ê). Designação comum aos pássaros da família dos traupídeos.

Tijuco

-, S. m. (Bras.) Boi sujo.

Timbedo

-, S. m. Sertanejo. (T. Carvalho).

Timbrar

-, V. t. d. Pressentir, adivinhar. (T. Carvalho).

Tirador

-, S. m. Espécie de avental de couro que os caçadores usam atado à cintura para que, na ocasião de puxar o laço que prende o animal, as virilhas nada sofram.

Tirana

-, S. f. Uma das variedades do fandango; cantiga e música popular que se executa à viola.

Toco

-, S. m. (De origem incerta). Cacete, bordão.

Tope

-, S. m. Espécie, qualidade, laia.

## Tordilho

-, Adj. (Deriv. de tordo). Diz-se do cavalo cujo pêlo é salpicado de branco e preto.

## Tracutinga

-, S. f. (Bras.) Formiga, de picada muito dolorosa.

## Trancafio

-, S. m. Tira de couro que arremata a carga do animal. (T. Carvalho).

## Tranchudo

-, S. m. (RS.) Bêbado.

## Traque

-, S. m. (RS.) Espécie de pequeno foguete para brinquedo de crianças.

## Trempe

-, S. f. (Bras.) Conjunto de três pedras sobre o qual se assenta, ao fogo, a panela.

## Trenhama

-, S. f. Bagagem. (T. Carvalho).

## Tronqueira

-, S. f. Assim se chama cada um dos dois grossos esteios em cujos buracos se introduzem as varas da porteira.

## Trunfa

-, S. f. Certo toucado antigo; turbante.

## Tumulto

-, S. m. Furúnculo. (T. Carvalho).

## Turuno

-, S. m. Denominação de boi, quando castrado depois de certa idade. Ele conserva todo o aspecto de um touro e,

entretanto, é um novilho.

Unta ou untura

-, S. m. ou f. Remédio feito com sebo, carvão moído e outros ingredientes, que se coloca nas patas dos animais. cavalares e que cura aquelas feridas.

Vão do alcatre

-, Loc. subst. Ânus. (T. Carvalho).

Vaqueano

-, S. m. e adj. Pessoa prática em guiar os viajantes em estradas, caminhos e atalhos de regiões desconhecidas.

Vaquilhona

-, S. f. Vaca grande. (T. Carvalho).

Varais

-, S. m. pl. Varas da porteira. (T. Carvalho).

Varredor

-, S. m. Vassoura. (T. Carvalho).

Vasqueiro

-, Adj. Raro; escasso; difícil de obter.

Vastrar

-, V. int. Recuar. (T. Carvalho).

Vazio

-, S. m. Pontada no vazio: dor que se manifesta na região antero-lateral e inferior do abdômen.

Veadeiros

-, S. m. Cães de caça ao veado. (T. Carvalho).

Veias-mestras

-, S. f. pl. Artérias. (T. Carvalho).

Velhaquear

-, V. int. Pinotear, corcovear.

Venda

-, S. f. Casa comercial. (T. Carvalho).

Volta do apã

-, Loc. subst. Traseira, nádegas. (T. Carvalho).

Xaxim

-, S. m. Espécie de palmeira, de tronco esponjoso. (T. Carvalho).

Xerenga ou xerengue

-, S. f. Faca ou mesmo espada; caxirenguengue.

Xergão

-, S. m. Manta para animal. (T. Carvalho).

Xiru

-, S. m. Índio, ou mestiço com índio. (T. Carvalho).

Zorrilho

-, S. m. Pequeno quadrúpede que vive nos campos e nas restingas, aparecendo à noite. A arma do zorrilho é um líquido muito fétido que ele segrega quando atacado.